



WALCYR CARRASCO

Histórias para a sala de aula
Crônicas do cotidiano

A vida cotidiana está repleta de surpresas. O segredo de Walcyr Carrasco é olhar o dia a dia com uma grande dose de bom humor, como revela em suas crônicas. "É preciso saber rir para não arrancar os cabelos", costuma dizer o autor. Mas também sabe se emocionar e escrever com o coração aberto. Esta seleção de crônicas é divertida, instigante e também emocional. Dá um bom panorama da vida na cidade grande, da luta diária pela cidadania e dos pequenos grandes fatos que marcam a vida de todos nós.

Moderna



WALCYR CARRASCO

Histórias para a sala de aula

Crônicas do cotidiano



Ell Moderna

WALCYR CARRASCO

Histórias para a sala de aula

Crônicas do cotidiano



Editora



WALCYR CARRASCO

Histórias para a sala de aula

Crônicas do cotidiano

1^a EDIÇÃO

DE ACORDO COM AS
NOVAS NORMAS
ORTOGRÁFICAS

☰☰☰ Moderna

Moderna

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maristela Petrilli de Almeida Leite

EDIÇÃO DE TEXTO Erika Alonso

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA Ricardo Postacchini, Dalva Fumiko

COORDENAÇÃO DE REVISÃO Elaine Cristina del Nero

REVISÃO Nancy H. Dias

EDIÇÃO DE ARTE/PROJETO GRÁFICO/CAPA Ricardo Postacchini

ILUSTRAÇÕES DE CAPA E MOIOLO Atílio

DIAGRAMAÇÃO Camila Fiorenza Crispino

COORDENAÇÃO DE BUREAU Américo Jesus

PRÉ-IMPRESSÃO Helio P. de Souza Filho, Marcio Hideyuki Kamo

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL Wilson Aparecido Troque

IMPRESSÃO E ACABAMENTO EGB - Editora Gráfica Bernardi - Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carrasco, Walcyr
Histórias para a sala de aula : crônicas do cotidiano / Walcyr Carrasco. Ilustrações Atílio. — 1. ed. — São Paulo : Moderna, 2009. — (Coleção Veredas)

ISBN 978-85-16-04545-6

1. Crônicas brasileiras - Veja SP (Revista)
I. Atílio. II. Título. III. Série.

09-03394

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas - Literatura brasileira 869.93

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORIA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03503-904

Vendas e Atendimento: Tel. (11) 2790-1500

Fax (11) 2790-1501

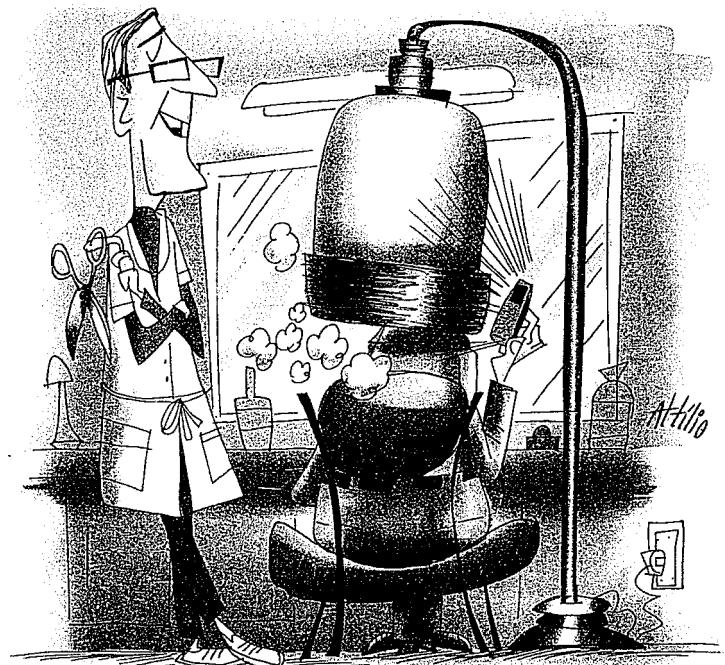
www.moderna.com.br

2009

Impresso no Brasil



Dedico este livro a Robson Lodo



A ilustração acima foi publicada originalmente na revista *Veja São Paulo* para a crônica *Finalmente loiro*, página 64 deste livro.

Sumário

Apresentação da antologia — Douglas Tufano	13
Walcyr Carrasco abrindo o jogo	17
1. Filho pai.....	21
<i>Percebi que há um momento na vida em que o pai se torna filho e o filho, pai. Agora era minha vez de cuidar dele.</i>	
2. Merlin e Shiva.....	24
<i>Os cães me perseguiram excitados enquanto eu fugia com os gatos para o meu escritório. Tranquei-me com eles.</i>	
3. Xixi na calça	27
<i>Todos riam! Morava a poucas quadras dali. Corri, com a mochila batendo nas coxas. Ab, que vergonha!</i>	
4. Falta de privacidade	31
<i>Adoro tecnologia. Mas tenho saudade dos tempos em que só podia ser encontrado no horário comercial.</i>	
5. A vida dentro de um filme.....	34
<i>Fico sem jeito ao escrever estas linhas. Tudo parece tão comum! O mais chocante é exatamente essa banalidade. É como se vivesse em um filme policial.</i>	

6. O labirinto dos manuais.....	37
<i>Eu sei que para a garotada que está aí tudo isso parece muito simples. Mas o mundo é para todos, não? Talvez alguém dê aulas para entender manuais!</i>	
7. Fama fácil.....	41
<i>— Por favor, me ajude a realizar um sonho! Quero aparecer na televisão!</i>	
8. Fênix	44
<i>Muitas vezes eu tive de abandonar coisas de que gostava para seguir meu caminho. E continuo assim.</i>	
9. Os pequenos malabaristas	47
<i>Fico pensando: que mundo é este onde mesmo um gesto de caridez é motivo de dúvida?</i>	
10. Ciclos.....	51
<i>Há novidade na passagem dos anos. Acredito que os sonhos amadurecem com a vida. Tenho mil ilusões dentro de mim. Algumas novas, outras velhas.</i>	
11. Amigos-secretos.....	54
<i>Comprei uma linda camisa na liquidação, bem baratinha! Meu amigo-secreto quase chorou.</i>	
12. Cantigas de arrepiar	57
<i>Crianças merecem cantar sonhos e felicidade. Para que crescer com medo de monstros, achar divertido atirar o pau no gato?</i>	
13. A casa destruída	61
<i>Sirvo rapidamente os bombons guardados na geladeira. As crianças adoram. Aproveitam para exercer suas habilidades artísticas no sofá branco e nas almofadas, em que passam os dedos com as mãos imundas de chocolate.</i>	
14. Finalmente loiro	64
<i>Cresci desejando um cabelo incrível. Deixei crescer na adolescência. Queria adotar um estilo desgrenhado. Inútil. É liso e na testa cresce para a frente. Caía nos meus olhos. Eu ficava com a aparência de um cachorro lulu.</i>	

15. Chique no último	67
<i>Nos últimos tempos, a humanidade parece acreditar que bonito é ser esguio, como um fio de macarrão cozido. Bonito até pode ser, mas sexy... A discussão pegou fogo.</i>	
16. A lei do silêncio.....	71
<i>Um amigo quase perdeu os tímpanos no elevador. Três senhoras conversavam, uma tentando falar mais alto que a outra.</i>	
17. Gentileza ao avesso.....	74
<i>Algum ser na face da Terra se acalma ao ouvir tal consolo? Não estou tão mal assim? Fico com a sensação de estar péssimo!</i>	
18. Ser o que não se é	77
<i>Muita gente se mata para comprar roupa de grife à prestação. Depois, só falta pregar a etiqueta na testa.</i>	
19. Meu aniversário	81
<i>Aposentadoria, nem pensar! Há tanta coisa que quero escrever!</i>	
20. Cada um por si	84
<i>O metrô é terrível. Muitas vezes, quem está entrando não quer deixar que os outros saiam. O correto é esperar todo mundo desembarcar. Nas estações mais tumultuadas, é uma guerra. Um grupo se atira sobre o outro.</i>	
21. Corpos pintados	87
<i>Não desisti de minha própria tatuagem. Falei com um profissional. Meu segredo: também quero um dragão!</i>	
22. Meu cachorro, meu tesouro.....	90
<i>Quem não ama cães é incapaz de compreender. Cada vez que abre a porta do apartamento, e o safado late e abana o rabinho, ela descobre o que é felicidade.</i>	
23. Serenata de celular	93
<i>Foi desligar e o celular tocou de novo. O público riu. O maestro rosnou. Bateu forte com a batuta na partitura. O jeito foi reiniciar o concerto.</i>	

24. Por que essa pressa?	97
<i>Dia desses, no Aeroporto de Congonhas, ajudei uma senhora com duas crianças a evitar que os pimpolhos fossem atropelados pelos outros passageiros. Ela, que tinha preferência, ficou por último! Detalhe: os lugares são marcados previamente. Por que a pressa?</i>	
25. Descascar o abacaxi	100
<i>A vida é melhor quando se controla a raiva. Mas e se a situação for espinhosa?</i>	
26. Certo ou errado?	103
<i>Ultimamente, tudo parece mais rápido. Palavras que ontem não existiam estão incorporadas ao vocabulário. Como o verbo deletar. Vindo do inglês, tornou-se comum com a popularização dos computadores.</i>	
27. O selvagem	107
<i>Quem disse que os jovens não têm mais sonhos?</i>	
28. Abaixo as grifes!	111
<i>Não vejo as pessoas se orgulhando porque acabaram de ler um livro legal. Ou porque assistiram a um concerto. Gostam de se passar por ricas, isso sim!</i>	
29. A hora de dizer não	114
<i>Boas maneiras deveriam ser o resultado do comportamento de duas pessoas. Nem sempre é assim. Uma tenta agir da melhor maneira. A outra se aproveita da gentileza alheia.</i>	
30. Plateia de acidente	117
<i>Até pneu furado tem plateia. Basta alguém parar no acostamento e iniciar a troca. Surge o engarrafamento.</i>	
31. Fúria no trânsito	121
<i>Outro dia estávamos no carro. Chuviscava. O suficiente para que os carros entrassem numa luta desenfreada no asfalto. Cortadas súbitas. Buzinas.</i>	

32. Comunhão	124
	<i>Existem amizades, relações que duram a vida toda. Fazem parte da minha história, com altos e baixos, começos e fins. Mas todos os dias cruzo com pessoas que provavelmente nunca mais verei. São cenas que giram na mente, como um caleidoscópio.</i>
33. Parafernália eletrônica	127
	<i>É dramático! Surge um aparelho atrás do outro! Logo se torna essencial para a minha sobrevivência, e de boa parte dos profissionais!</i>
34. Sinais do tempo	131
	<i>O tempo deixa sinais. É inegável. Claro que pretendo ficar com o rosto legal, ter certa agilidade. Nada contra cremes, plásticas, exercícios! Mas também sinto orgulho pelos anos que passaram, pelas emoções vividas, pelas conquistas.</i>
35. A idade das palavras	134
	<i>Que adolescente aceitaria hoje ir a um “mingau dançante”? Vão para a balada, para a “night”.</i>
36. Crueldades de rotina	137
	<i>Não quero ser cúmplice do sofrimento de um animal. A dor, de alguma forma, ficará impregnada na refeição.</i>

Nota do editor: Os textos e as ilustrações foram publicados originalmente na revista *Veja São Paulo*.



A ilustração acima foi publicada originalmente na revista *Veja São Paulo* para a crônica *Cantigas de arrepiaçar*, página 57 deste livro.

Apresentação da antologia

Walcyr Carrasco é um nome conhecido nacionalmente. Não só pelas peças de teatro e telenovelas que escreve, mas também pelas crônicas que publica há tantos anos na revista *Veja São Paulo*, que são comentadas pelos leitores, afixadas em murais de escolas, de escritórios, de lojas. Viajam pela internet, viram motivos de conversa.

Aliás, suas crônicas são mesmo uma conversa com os leitores. Ele tem uma incrível facilidade de envolver o leitor, de fazê-lo participar da história que está contando. E assim, sem perceber, vamos passando de uma crônica a outra, sempre nos identificando com um ou outro personagem, porque Walcyr fala de nosso tempo, de nossas manias, de nossos sentimentos, dos grandes e pequenos problemas do dia a dia. Seus textos nos convidam para um bate-papo informal, descontraído, mas sempre interessante. Daí a sedução do seu estilo.

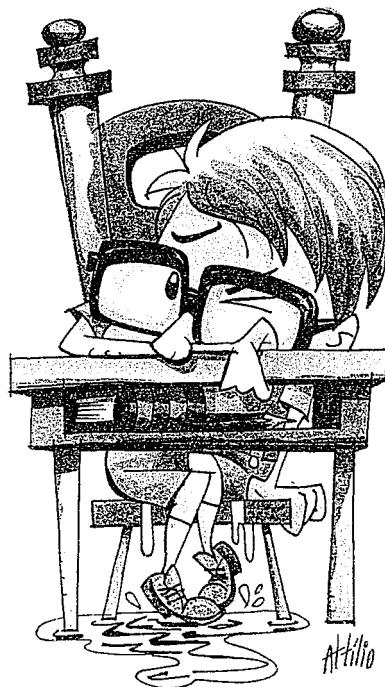
Mas por trás da simplicidade de sua linguagem, há um grande esforço de estilo, pois ele sabe como ninguém que fazer o simples é muito difícil. E é ele mesmo que, em algumas crônicas, nos conta o esforço que fez para se tornar um escritor de sucesso. A dedicação, as horas de estudo, o treinamento — tudo isso para conseguir escrever de forma simples e comunicativa.

Aqui nesta coletânea, feita com textos publicados na revista *Veja São Paulo*, o leitor terá uma boa amostra da variedade de temas do cronista Walcyr Carrasco. Ele comenta, de forma divertida e emocionada, sua paixão pelos animais, principalmente por cães e gatos. Lembra episódios da infância, relembra pessoas que marcaram sua vida, fala do trânsito e da violência das grandes cidades, confessa sua impotência diante da parafernália tecnológica moderna, que nos joga no mundo das máquinas digitais, computadores e manuais que deveriam ser simples e objetivos, mas que são complicadíssimos...

Em algumas crônicas, o tom lírico e nostálgico revela um escritor com sensibilidade para flagrar intensos momentos existenciais, como quando fala da vida na infância, da convivência com os pais.

Escrever crônicas é correr o risco de se perder nos detalhes da vida cotidiana que têm vida curta e logo perdem o interesse. Mas, como os melhores cronistas da nossa literatura, Walcyr Carrasco é capaz de ir além do anedótico e transitório. Os acontecimentos da vida diária são apenas pontos de partida para uma reflexão sobre as relações humanas. Por isso, resistem à passagem do tempo e mantêm-se atuais.

Douglas Tufano



A ilustração acima foi publicada originalmente na revista *Veja São Paulo* para a crônica *Xixi na calça*, página 27 deste livro.

Walcyr Carrasco

abrindo o jogo

1. Um sonho

ESCREVER SEMPRE, BOTAR PARA FORA TODAS AS HISTÓRIAS
QUE SURGEM NO MEU CORAÇÃO!

2. Um pesadelo

DOR DE DENTE!

3. Uma certeza

AMAR O PRÓXIMO.

4. Uma dúvida cruel

CADA VEZ QUE TERMINO UM TEXTO EU PENSO: SERÁ QUE
ESTÁ BOM?

5. Uma palavra que acalma

AMOR.

6. Uma presença que conforta

UMA SÓ NÃO! MEUS CÃES E GATOS.

7. Uma ocasião inesquecível

É UM FATO QUE EU NARRO EM UMA DAS CRÔNICAS.
ESTAVA NA BOLÍVIA, SEM DINHEIRO, E PERGUNTEI O PREÇO
DE UMA MAÇÃ NO MERCADO. ERA CARA. EU JÁ IA EMBORA
QUANDO A ÍNDIA, DONA DA BANCA, UMA SENHORA

GORDA, DISSE PARA EU PEGAR A MAÇÃ. EXPLIQUEI QUE NÃO PODIA COMPRAR E ELA RESPONDEU: "PEGA, TONTO". ACEITEI E NUNCA VOU ESQUECER AQUELE OLHAR CARINHOSO, AQUELE GESTO DE GENEROSIDADE QUE AQUELA SENHORA SIMPLES TEVE POR UM RAPAZ DESCONHECIDO!

8. Uma saudade

ERA TÃO BOM SER CRIANÇA, MORAR NO INTERIOR, DESCOBRIR A VIDA!

9. Um lugar

MINHA CASA EM COTIA, QUE TEM UM BELO JARDIM E UMA RESERVA FLORESTAL LOGO ATRÁS. AMO FICAR LÁ, SENTINDO A PAZ DO LUGAR!

10. Uma pessoa que admira

O DIRETOR WALTER AVANCINI, JÁ FALECIDO, QUE ME ENSINOU MUITO E ME FEZ OUSAR COMO ESCRITOR.

11. Um pensamento inspirador

PENSAR QUE A VIDA É ALGO MAIS DO QUE AS CONQUISTAS MATERIAIS E QUE HÁ UM LADO ESPIRITUAL QUE VALE A PENA DESCOBRIR.

12. Um escritor

MONTEIRO LOBATO. EU CONHECI SUA OBRA QUANDO GAROTO E POR CAUSA DELE RESOLVI SER ESCRITOR!

13. Um livro marcante

NÃO DÁ PARA FALAR EM UM SÓ! DOM CASMURRO, DE MACHADO DE ASSIS, E OS MISERÁVEIS, DE VICTOR HUGO.

14. Um filme

EU ADORO E O VENTO LEVOU... DOS NACIONAIS, ACHO INCRÍVEL CENTRAL DO BRASIL.

15. Uma canção

SÃO TANTAS. MAS ALEGRIA, ALEGRIA, DE CAETANO VELOSO, FOI UM ÍCONE NA MINHA GERAÇÃO.

16. Se não fosse escritor, o que gostaria de ser?

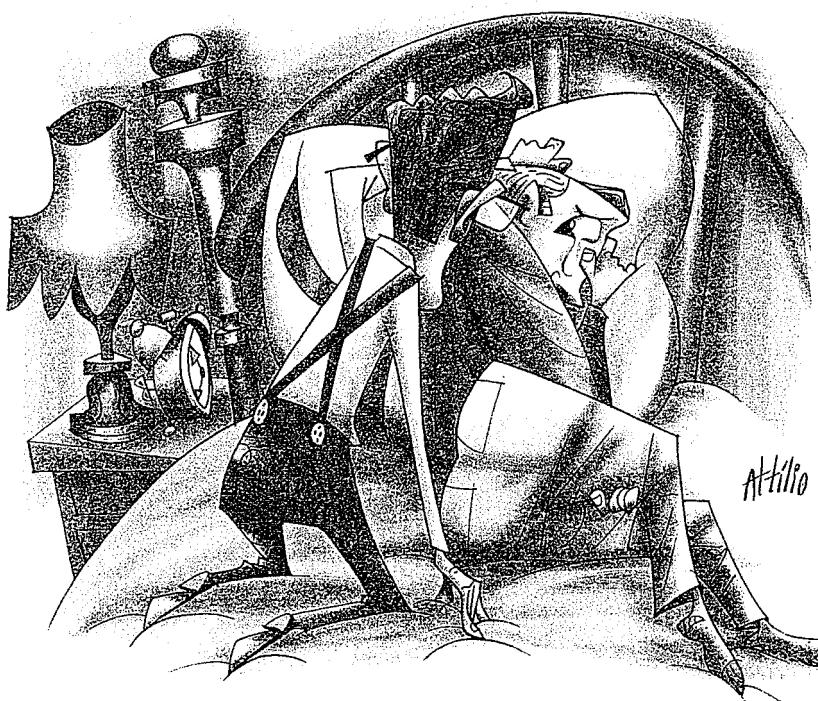
COZINHEIRO! ADORO IR PARA O FOGÃO. MAS TAMBÉM JÁ PENSEI EM SER BIÓLOGO!

17. Se não fosse Walcyr Carrasco, quem gostaria de ser ou ter sido?

PUXA, ESSA É DIFÍCIL, PORQUE EU GOSTO DE SER WALCYR. EU GOSTARIA DE TER SIDO ALGUÉM COM REAL ENTREGA À VIDA ESPIRITUAL, COMO O POETA MÍSTICO SAN JUAN DE LA CRUZ.

18. Quem é Walcyr Carrasco?

ALGUÉM PARA QUEM OS SONHOS DEVEM EXPLODIR COMO O FOGO, MAS SEREM ALICERÇADOS NA TERRA; PARA QUEM AS PALAVRAS, POESIAS, HISTÓRIAS DEVEM SER LANÇADAS AO VENTO E, COMO A ÁGUA, INUNDAR OS CORAÇÕES.



1. Filho pai

Quando eu tinha pouco mais de 20 anos, morava com minha família em um pequeno sobrado de vila. Meu pai era ferroviário. Minha mãe se dedicava a bicos, como vender roupas feitas ou blusas de lã que ela mesma tricotava. Eu estudava e contribuía para parte das despesas trabalhando aqui e ali. Não havia luxos, mas o dia a dia era relativamente confortável. Na época eu não seria capaz de avaliar a contribuição que meu pai dera à minha vida. Minha carreira de jornalista e escritor ainda engatinhava. O estímulo para que eu estudasse, os livros que ganhara ao longo dos anos, o curso de inglês, a máquina de escrever, tudo isso me parecia obrigação. Pelo contrário. Eu me ressentia dos modos autoritários de papai. De sua bravura. E também de suas parcias condições financeiras. Observava meus amigos bem de vida, alguns ricos. Achava que ele, pai, poderia ter ganhado mais dinheiro. Eu também sentia dificuldade em conversar abertamente. Havia uma espécie de muro entre nós dois.

Sua mãe, minha avó, vendeu a casinha no interior. O dinheiro acabou rapidamente. Ela veio morar conosco. Logo teve um pequeno derrame. Fosse por isso ou por alguma outra doença, perdeu o juízo. De repente, a vovó, que adorava fazer doces, tornou-se uma pessoa furiosa. Dizia coisas horrendas. Pior. Parecia ter desenvolvido uma sen-

sibilidade especial para atingir o ponto fraco de cada um. Um psicanalista teria feito uma tese com suas frases, tal a súbita argúcia para alardear velhos ressentimentos, mágoas escondidas, tensões ocultas. Não me poupou: acusava-me de não me dar bem com meu pai. Eu me sentia culpado ao ouvi-la, pois acreditava que ele me devia mais carinho, mais cuidados, mais conforto.

Pior era com mamãe. Nunca se deram bem. Fora uma torturada relação entre nora e sogra. Agora vovó levava minha mãe às lagrimas algumas vezes por dia. A situação era ruim. Tornou-se insustentável quando ela passou a ameaçar mamãe fisicamente. Descobrimos uma espécie de estilete escondido entre seus objetos pessoais.

Hoje teria sido possível a contratação de uma enfermeira. Na época, nem podíamos oferecer-lhe um quarto. Eu dormia na sala. Ela dividia um aposento com meu irmão menor. Só havia uma solução. Interná-la em uma casa de saúde.

Meu irmão mais velho, já casado, escolheu uma que parecia adequada, embora modesta. (Ao longo dos anos seguintes, trocamos de lugar várias vezes, quando constatávamos deficiências.) Todos os netos se cotizaram para pagar a mensalidade. Em um sábado, meu irmão veio com o carro. Vovó pareceu ter percebido alguma coisa, apesar de nada ter sido explicado. Gritou:

— Não quero ir!

Foi preciso alguma firmeza para convencê-la a entrar no automóvel. Meu pai assistiu a toda a cena da sala. Fiquei com ele, enquanto levavam vovó. Fechei a porta. Ouvimos o motor, a partida. Houve um silêncio.

Papai subiu as escadas lentamente. Senti um nó na garganta. Fui atrás. Ele atirou-se na cama de casal. Chorou. Pela primeira vez em toda a minha vida, eu via meu pai chorar. Um choro convulsivo, com soluços, o peito estremecendo. Debrucei-me sobre ele. Abracei-o.

— Não chora, pai. Não chora!

Permaneci com meu pai nos braços. O muro se rompeu. Percebi que há um momento na vida em que o pai se torna filho e o filho, pai. Agora era minha vez de cuidar dele. Abracei-o mais firmemente, oferecendo reservas de sentimento guardadas. Descobri, então, como era profundo meu amor por papai, e como eu estava disposto a fazer o impossível para que ele não sofresse tanto.



2. Merlin e Shiva

Sempre amei os cães. Ultimamente, descobri também a paixão pelos gatos. Tudo começou por impulso. Vi um gato cor de mel na vitrine de uma loja de *shopping*. Absolutamente imóvel. Fiquei algum tempo observando, em dúvida se era brinquedo ou ser vivo. Ao seu lado, dois outros passeavam. Finalmente, ele mexeu de leve a cabeça. “Que gato quieto!”, espantei-me.

Tive pena. Acho cruel o que essas lojas de animais fazem, deixando os bichos presos o dia inteiro em um espaço minúsculo. “E se eu comprar o gato?”, pensei. Achei loucura. Já tenho três cães. Imaginei as confusões, os miados, os latidos, as perseguições. Fui comer um sanduíche. O gato não me saía da cabeça. “Jamais farei isso！”, decidi. Terminei o sanduíche e resolvi olhar o bichano mais uma vez. E então, diante da vitrine, tive uma daquelas intuições que só ocorrem de vez em quando. “Eu preciso levar esse gato para salvar a vida dele”, refleti. Foi um sentimento forte. Entrei na loja. Perguntei o preço do gato, da casinha, da ração. Era caro. Abri a carteira e arranquei o cartão de crédito.

— Por que não compra também a companheirinha dele? — insinuou o vendedor, indicando a gatinha rajada de preto.

Dali a pouco eu estava no carro com um pacote de ração, vasilha higiênica, almofadinhas, os dois gatos numa

caixa de papelão e o cartão de crédito estourado. Fui para casa. Os cães me perseguiram excitados enquanto eu fugia com os gatos para o meu escritório. Tranquei-me com eles. Um amigo apaixonado por felinos explicou:

— Eles precisam passar um tempo presos para se acostumar com a casa.

Forrei a janela do escritório com telas. Servi a ração. Em seguida, tratei de mudar o nome deles, dado pelo gatil. O dela não me lembro. Mas ele se chamava Cherry. Não achei adequado para um representante do sexo masculino. Troquei por Merlin e Shiva. Aí descobri que ele tossia. Sem parar. Pus a mão no focinho. Estava quente.

Voei para o veterinário. Minha intuição provou-se verdadeira. Merlin estava à beira da morte. Passou um mês internado. Eu ia visitá-lo, estava sempre preso numa gaolinha. Não me reconhecia como dono. Shiva acostumou-se com o escritório e dormia no meio dos livros. Adorava ouvi-la ronronando ao meu lado no sofá, mordendo de leve a ponta dos meus dedos. Merlin voltou, mas não estava curado.

— Talvez seja uma doença crônica — informou o veterinário.

Um amigo indicou um especialista em gatos. Novo tratamento, com remédios em horários certos. Aos poucos, Merlin parou de tossir. E começou a demonstrar sua verdadeira personalidade, escalando mesa, estante, botando o focinho em tudo! Tão quietinho na vitrine, tão animado em casa!

O passo seguinte foi promover a integração. Coloquei Merlin e Shiva na sala, separados dos cães por uma porta-

-janela de vidro. Latidos. Os felinos lançaram olhares de desprezo. Dias depois, abri a porta, pronto para intervir. Os cães cheiraram. Os gatos ergueram o rabo, orgulhosos. Passei dias atento. Até que, numa noite chuvosa, não achei Merlin de jeito nenhum. Esquadrinhei a casa toda. Fiquei encharcado no jardim. “Ele fugiu!”, concluí com dor no coração.

De manhã, a surpresa! Merlin e os três cães dormiam juntos, aquecendo-se mutuamente, como velhos amigos!

Agora, onde estou eles vão. Shiva, mais arisca, fica sempre por perto. Merlin deita-se aos meus pés. Sobe no meu colo enquanto escrevo. Definitivamente, estou perdidamente apaixonado. E sei que esse amor é para toda a vida!

3. Xixi na calça

Aos 9 anos, eu tinha uma professora muito brava. Não sem motivo. Boa parte dos alunos pedia para ir ao banheiro somente para fugir. Eu era dos mais quietinhos. Certo dia me deu uma vontade tremenda de fazer xixi. Ergui o braço. Era o terceiro querendo sair. Ouvi um sonoro “não”. Foi um desespero. Tentava segurar a vontade. O final do período se aproximava. Torcia as pernas e me remexia. Os minutos pareciam mais lentos! De repente, aconteceu!

Senti um calorzinho nas pernas e uma bruta sensação de alívio. Relaxei. Minhas calças, minhas meias, molhadas! Ainda tive esperança. Minha carteira era ao lado da parede. Talvez ninguém notasse a enorme poça embaixo dos meus pés!

Que ideia! Dali a pouco um colega gritou:

— Ih, ele fez xixi na calça!

— Não fiz, não! — retruquei.

Os outros olharam. A professora se aproximou. Gritei:

— Foi o menino da frente!

— Eu, não! — defendeu-se ele. — Olha, as meias dele estão molhadas!

Ela abanou a cabeça, incrédula.

— Por que não pediu para sair?

— A senhora não deixou!

— Devia ter insistido!

Tocou o sinal. Peguei a mochila. Meias pingando, uma enorme roda úmida no bumbum!

A infância é cruel. Saí da classe com a molecada gritando atrás:

— Ele fez xixi na calça! Ele fez xixi na calça!

Na frente do prédio, quis esconder a mancha do traseiro com a mochila. Inútil.

— Xixi, olha o xixi! — mostravam os alunos.

Todos riam! Morava a poucas quadras dali. Corri, com a mochila batendo nas coxas. Ah, que vergonha!

No caminho, encontrei alguns amigos, não informados da tragédia.

— Ih, você está todo molhado! — comentou um deles.

— Escorreguei no chão quando a faxineira estava lavando! — menti.

— É nada, é xixi! — dedou outro.

Corri ainda mais depressa! Nunca, nunca mais queria voltar às aulas!

Mamãe tinha um pequeno bazar. Morávamos nos fundos. Entrei pela loja. Ela estava sozinha no balcão. Lamentei-me, angustiado.

— Fiz xixi na calça!

— É brincadeira? — espantou-se.

Mostrei. Preparei-me para a bronca. Minha sensação era de culpa, pavor! Mas mamãe ficou calma.

— Entra depressa. Toma um banho! Ponha roupa limpa!

Deu uma fugidinha da loja. Botou a calça de molho. Serviu o almoço. De tanta angústia, eu quase chorava:

— Nunca, nunca mais vou para a escola! Vou parar de estudar!

Ela brincou com meus cabelos.

— Isso não foi nada. Se mexerem com você, não ligue. Só se esforce para nunca mais acontecer.

— Então vou morar com a vovó, em outra cidade!

— De jeito nenhum! Não suportaria ficar longe de meu filho!

Aos poucos, me acalmou. Transformou o drama em brincadeira. De noite, quando papai chegou, voltou ao assunto. Até consegui dar risada.

Estava certa. Ninguém continuou me infernizando. Não fui o primeiro, nem o último, a fazer xixi em plena aula!

Agora, depois de tanto tempo, lembro das vezes em que desabafava com ela. Também era ótimo dividir os grandes momentos. Um novo emprego, por exemplo. No telefone, sua voz animada.

— Que bom! Você vai ganhar melhor!

Às vezes, quando acontece uma coisa importante, meu primeiro impulso é lhe telefonar. Em seguida, meu coração se aperta. Lembro que não está mais do outro lado. Como posso esquecer, até por um instante? Descobri o motivo. Podia contar com mamãe, como os filhos nunca deixam de contar. Ela ficaria do meu lado, como no dia em que fiz xixi na calça! Não é a memória que me trai, mas a saudade. Seu amor deixou uma lacuna que nunca vou preencher. Seja algo bom ou ruim, sempre terei vontade de compartilhar com ela.



Attilio

4. Falta de privacidade

Estou com um amigo. Assunto sério. Ele passa por dificuldades. Desabafa. Aconselho. Toca o celular. Peço um instante. Atendo. Do outro lado, a voz animada de uma conhecida:

— Ah, é você? Queria contar...

Explico que não posso falar no momento. Ela insiste.

— É só uma coisinha...

Só consigo desligar depois de alguns minutos. Volto a meu amigo. Retomamos o papo. O celular volta a tocar. Um recado profissional. São quase 10 da noite, mas graças a ele... fui encontrado. No fim, a conversa séria desmorona. Também é desagradável quando estou no telefone fixo e alguém liga uma, duas, três vezes no móvel. Imagino se tratar de uma catástrofe. Quando atendo, ouço:

— É que seu telefone estava ocupado...

Ora, se eu falava com outra pessoa, por que ela se julga no direito de me interromper? Seu assunto, por acaso, é mais importante? Que egoísmo!

Adoro tecnologia. Mas tenho saudade dos tempos em que só podia ser encontrado no horário comercial. Não sou o único caso. Chefes estão sempre com pressa. Amigos meus perdem o churrasco do fim de semana atendendo o patrão no celular, em questões que podiam ser adiadas até

a segunda-feira. Um advogado foi viajar de férias. Levou a maquininha. Um cliente ligou.

— Não posso resolver seu problema porque estou na Europa! — explicou. — É melhor falar com outra pessoa no escritório.

O cliente agiu como se não acreditasse. Quase desistiu do negócio!

— E o Bina para filtrar as ligações? — alguém pode perguntar.

Cada vez é maior o número de telefones não identificados. Ou na telinha surge um outro, que nada tem a ver com a ligação original. Explica-se: muitas empresas transferem automaticamente a ligação feita pelo funcionário para outro número, por questões econômicas. Na tela surge um número virtual! Corre-se o risco de não atender uma ligação realmente importante.

Programas como o *Messenger* vão pelo mesmo caminho. Adicionei alguns amigos. Gosto de escrever à noite. Frequentemente, alguém aparece *on-line*. Se não respondo, fica insistindo. Tento explicar através de uma mensagem breve: “Agora não dá para bater papo”. Adianta? A pessoa insiste: “Só tenho que dizer...”. Para se despedir, é mais difícil que se livrar de vendedor de bilhete de loteria.

Há quem ligue quando estou no trânsito e não se conforme. Continua falando sem parar, embora eu explique que estou em uma avenida, ou na estrada, rodeado por caminhões, com o risco de bater! Já ouvi uma senhora conversando no teatro, durante a peça. Quando reclamaram, sorriu:

— É um político do outro lado da linha!

Como se isso fosse motivo para atrapalhar todo o espetáculo!

Outros aparatos tecnológicos estão entrando em vigor, como o *Skype*, o programa que faz ligações telefônicas de graça ou a custo baixíssimo, via internet. Novos surgirão! Mais conversa! Mais trabalho fora de hora!

Os bons modos não evoluíram com os aparelhos eletroeletrônicos! Nem o bom senso! Amigos deveriam entender que estão entrando na intimidade alheia ao toque do celular, ou no *Messenger*. Mas não. Agem como se estivessem sendo maltratados na sala de visitas! Pior ainda, chefes só poderiam requisitar o funcionário em casos de extrema necessidade. Até urso hiberna. Por que um ser humano não teria direito a um reles fim de semana livre de preocupações?

Os manuais de etiqueta explicam o uso de talheres. Os mais avançadinhos revelam não ser feio mulher dividir a conta. Mas já está na hora de serem criadas normas de comportamento para as novas tecnologias. E acabar com tanta invasão de privacidade!

5. A vida dentro de um filme

Vou falar a verdade. Eu me sinto dentro de um filme. Um desses bem violentos, em que os personagens levam balas perdidas. Fogem de carro com os pneus guinchando. Despencam de prédios. Tenho motivos, apesar de ter uma vida bem preservada! Trabalho em casa. Saio pouco. Mesmo assim, já estive no meio de um assalto a banco. Ocorreu há alguns anos, numa agência da avenida Brigadeiro Luís Antônio. Por sorte, estava na sala da gerência. Mais sorte ainda, com um amigo que foi do Exército. De repente, ouvimos uns estouros. Experiente, ele me empurrou para o chão.

— Tiros! — avisou.

Um homem veio de gatinhas se refugiar embaixo da mesa. Ficamos lá, ouvindo os disparos, em silêncio. Ao cabo de alguns minutos, tudo acabado. O segurança reagira ao assalto. Feridos. Os ladrões fugiram sem roubar. Todo mundo gritava. Respirei fundo. Tinha me safado.

Dia desses, conversava com um vizinho.

— Ah, eu já fui sequestrado quando era mais novo — contou com simplicidade.

Achei normal conhecer um ex-sequestrado.

Morei no centro da cidade. Com frequência ouvia gente correndo e gritando durante a noite. Brigas. Há meses uma amiga deu uma festa em família. Alguns parentes trouxeram amigos e namoradas. Sumiu o celular de seu genro.

Culparam a filhinha mais nova de uma irmã. Inocente, poderia tê-lo atirado pela janela. Ninguém queria acreditar em outra possibilidade! Dali a alguns meses, dois rapazes convidados foram presos. Motivo: roubo. E mais: o tio de um foi morto em um tiroteio, pois trabalhava com cargas roubadas. Uma senhora presente deu um golpe com uma série de cheques sem fundos. Esclareço: não estou falando de uma festa na periferia, onde a classe média acredita residir a contravenção. Mas de gente bem de vida, do bairro de Pinheiros, em São Paulo. Caso próximo é o do vizinho de um amigo, 19 anos, filho de empresário, pego ao participar de um sequestro. Gostamos de acreditar que o crime vive distante. Mas ele já se entranhou em famílias de classe média. Não é mais nós aqui, eles lá. E, sim, todo mundo ~~está~~^{estava} no meio do rolo!

No Rio de Janeiro, já estive em um carro pego no meio de um tiroteio. O trânsito parou total. Surpreendentemente, fiquei calmo. Se viesse uma bala perdida não havia o que fazer. Meu assistente foi assaltado em um semáforo em São Paulo, entregou o que tinha.

Fico sem jeito ao escrever estas linhas. Tudo parece tão comum! O mais chocante é exatamente essa banalidade. É como se vivesse em um filme policial. Ou de ficção científica, com mundos afundados na violência. Há, porém, uma diferença fundamental. Os heróis cinematográficos escapam de todas as balas. Pulam de viadutos. Atiram-se de aviões. Enfrentam sequestradores. Dão cabeçadas em bandidos. Derrotam dezenas de adversários, sem armas! Abrem algemas com um pedacinho de arame! E eu? Às vezes nem consigo virar a chave na fechadura!

A vida dos personagens é alucinante. Pessoalmente, não tenho forma física para me atirar no lustre do banco e atingir os ladrões com os pés. Correr no meio de uma chuva de balas e escapar ileso! Ou rolar no chão com um atacante! Já é assustador pensar em perguntar a um convidado se pegou o celular, como na festa de minha amiga! Ou desconfiar do filho de um vizinho que viva trocando de carro.

É terrível a sensação de estar no meio de um filme, tão irreal tudo se tornou! Pior ainda. No cinema qualquer coisa é possível. Mas a vida não tem efeitos especiais!

6. O labirinto dos manuais

Há alguns meses troquei meu celular. Um modelo lindo, pequeno, prático. Segundo a vendedora, era capaz de tudo e mais um pouco. Fotografava, fazia vídeos, recebia *e-mails* e até servia para telefonar. Abri o manual, entusiasmado. “Agora eu aprendo”, decidi, folheando as 49 páginas. Já na primeira, tentei executar as funções. Duas horas depois, eu estava prestes a roer o aparelho. O manual tentava prever todas as possibilidades. Virou um labirinto de instruções! Trabalho sempre com um antigo exemplar da *Bíblia* na mesa. Examinei. O Gênesis, que descreve toda a criação do mundo, ocupa cinquenta páginas. O manual do celular, 49!

Nas semanas seguintes, tentei abaixar o som da campainha. Só aumentava. Buscava o *vibracall*, não achava. Era só alguém me chamar e todo mundo em torno saía correndo, pensando que era o alarme de incêndio! Quem me salvou foi um motorista de táxi.

— Manual só confunde — disse didaticamente. — Dá uma de curioso.

Teclei. Dali a pouco apaguei vários endereços. Insisti. O aparelho entrou em alguma outra função para a qual não estava habilitado. Finalmente, descobri. Está no *vibracall* há meses! O único problema é que não consigo botar a campainha de volta!

Muita gente pensará: “Que asno!”. Tenho argumentos para me defender. Entre meus amigos, fui o primeiro a comprar computador. Era uma tralha, que exigia códigos para tudo. Para achar o câ-cedilha, os dedos da mão tinham de dançar *rock* pauleira, tantas eram as teclas para apertar de uma só vez. Tinha de formatar os disquetes de memória! Aprendi tudo por mim mesmo.

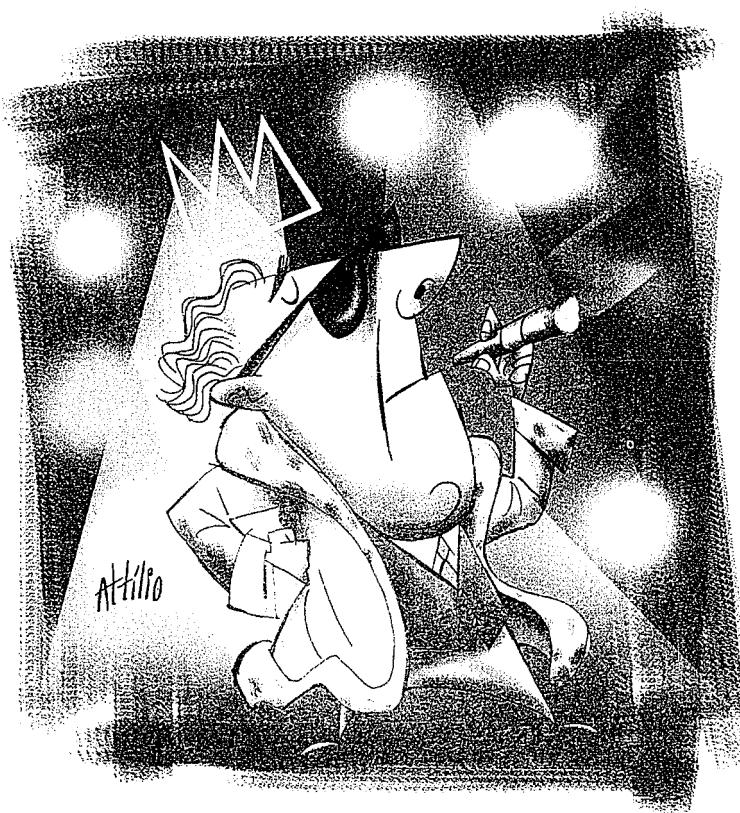
Foi a mesma coisa quando adquiri meu videocassete. Instalei e aprendi a gravar. Só sofri na hora de programar pela primeira vez. Agora não consigo mais executar uma simples programação, tantas são as complicações. Pior ainda é o DVD que grava. Com a TV por assinatura, mais os canais abertos, nunca dá certo! Soube de gente que está cobrando para botar músicas em *iPod*, tal o número de pessoas que naufragam nas instruções. Tenho dois amigos que sonharam com aparelhos de MP3. Cada um conseguiu o seu. Outro dia perguntei a um deles se estava aproveitando.

— Eu ainda não tive tempo de mexer... — confessou Bob, sem jeito.

Estou de computador novo. Já veio com o Vista, o mais recente programa de Windows da *Microsoft*. Fiz o que toda pessoa minuciosa faria. Comprei um livro. Na capa, a promessa: “Rápido e fácil” — um guia prático, simples e colorido! Resolvi: “Vou seguir cada instrução, página por página. Do que adianta ter um supercomputador se não sei usá-lo?”. Quando cheguei à página 20, minha cabeça latejava. O livro tem 342! Cada vez que olho, dá vontade de chorar! Não seria melhor gastar o tempo relendo *Guerra e Paz*?

Tudo foi criado para simplificar. Mas até o micro-ondas ficou difícil. A não ser que eu queira fazer pipoca, que possui sua própria tecla. Mas não posso me alimentar só de pipoca! Ainda se emagrecesse... E o fax com secretária eletrônica? O anterior era simples. Eu apertava um botão e apagava as mensagens. O atual exige que eu toque em um, depois em outro para confirmar, e de novo no primeiro! Outro dia a luzinha estava piscando. Tentei ouvir a mensagem. A secretária disparou todas, desde o início do ano!

Eu sei que para a garotada que está aí tudo isso parece muito simples. Mas o mundo é para todos, não? Talvez alguém dê aulas para entender manuais! Ou o jeito seria aprender só aquilo de que tenho realmente necessidade, e não usar todas as funções. É o que a maioria das pessoas acaba fazendo!



7. Fama fácil

Recebi, faz algum tempo, recados insistentes. Nas mensagens telefônicas, um nome desconhecido, de uma cidade do interior. Um dia a figura me encontrou.

— Quero ser escritor ou ator. Preciso que me ajude — disse a voz de um garoto.

— Que idade você tem?

— Catorze anos.

Assumi tom paternal.

— O ideal é você estudar bastante, ler muito...

— Ah, livro não é comigo! Todo mundo diz que eu tenho jeito para ser famoso.

— Você é novo, deve se dedicar... Quem sabe uma faculdade?

— Já escrevi três novelas, todas muito boas. Melhores que as suas.

Suspirei. Não adiantava aconselhar, pelo visto.

— Ninguém começa com novelas. Por que não escreve uma peça de teatro e monta com seus colegas, na escola?

— Você não entendeu. Quero ser famoso.

— Sinto muito. Vá estudar. Boa sorte.

Do outro lado, um grito.

— Você vai se arrepender, quando eu for um sucesso!

É incrível o número de pessoas que me procuram em busca de glória rápida. Como autor de novelas, acho

normal atrair pessoas interessadas no mundo da televisão. Só me espanto com a quantidade de gente que ambiciona fama a qualquer preço. Sem nenhum amor pelo teatro, pela literatura, pelo cinema. Pelo que, enfim, faria parte da profissão. Recentemente, conheci um rapaz de alta classe média, curso universitário concluído. Queria ser roteirista. Dei o aviso de sempre.

- Para escrever bem, é preciso ler muito.
- Prefiro música.
- Por que não tenta ser DJ?

Prometeu dedicar-se aos clássicos. Semanas depois me procurou com um texto. Não gosto de analisar a produção alheia. Salvo quando dou cursos, o que é raro. Adoro literatura. Faço o possível para dedicar meu tempo livre às obras que realmente quero desfrutar. Quase abri uma exceção. Avisei:

- Só pego seu texto se você estiver lendo algum livro.
- Ah, estou sim. Um ótimo.
- Qual o nome?
- Ih... esqueci!

Devolvi o calhamaço. Há quem me ligue a cobrar. Como tenho secretária eletrônica, ela atende. Ouço pedidos desesperados:

- Por favor, me ajude a realizar um sonho! Quero aparecer na televisão!

Ainda tenho de pagar o interurbano!

Se vou a um evento, alguém sempre me entrega uma foto. Posso estar em uma festa, jantar, palestra. No Orkut, já botei um aviso: não estou à caça de talentos. Inútil. Todos

os dias várias pessoas pedem papel. Até figuração. Nunca respondo. Raramente sou abordado por profissionais. No fim do ano entro na mira de vendedores de loja, *personal trainers*, parentes distantes. Todos querendo participar do *Big Brother!* Quando explico não ter nada a ver com a seleção, ganho cara amarrada!

Boa parte da culpa é dos pais. Há anos, estive, para meu susto, na seleção da novela *Chiquititas*, do SBT. A fila dobrava o quarteirão. A maioria absoluta das meninas de 6, 9 anos estava de bustiê, umbigo de fora, microssaia. Eu pensava: “No que pensam mães que vestem uma menina assim?” O teste era honestíssimo. Havia que cantar e dançar. Quase todas as garotinhas interpretavam *Na boquinha da garrafa*, hit da época. Era a senha para a candidata ser reprovada.

— Vira só imitação, sem criatividade — explicou a responsável pelos testes.

Saí chocado. Foi terrível ver as garotinhas rebolando como *starlets*!

A glória implica um padrão de vida mais elevado. Não nego. Pouca gente comprehende que a fama deve resultar de um trabalho sério. Buscar o sucesso pelo sucesso resulta em amargura. O sonho transforma-se em pesadelo. E impede a pessoa de descobrir sua verdadeira vocação.

8. Fênix

Vivo criando metas para mim mesmo. Foi assim quando resolvi me dedicar ao projeto de ser escritor. Até então eu era jornalista, tinha um ótimo emprego e grandes chances na carreira. Mas meu sonho era escrever romances, teatro, novelas! O projeto era adiado continuamente, à espera de uma situação ideal. Sou de família humilde. Cresci com medo de ficar sem dinheiro. De ter de economizar no litro de leite, como ocorreu na minha adolescência! Queria armazenar uma poupança para me garantir. Comprar um apartamento. Tudo antes de me dedicar a meu sonho! O tempo passava. Nunca juntava a quantia ideal. Meu pai aconselhava:

— Tome cuidado. Tenha um emprego fixo.

Certa noite, eu trabalhava até mais tarde. A redação estava uma loucura, com mudanças de última hora. De repente, eu parei. Olhei para todo mundo no vaivém. E disse a mim mesmo:

— Se eu dedicasse todo esse esforço a meu projeto pessoal, ia acabar dando certo!

Terminei o trabalho de madrugada. Fui dormir. No dia seguinte finge que estava doente. Fiquei em casa pensando. No outro pedi demissão. Tive vários empregos depois, porque a necessidade bateu à porta inúmeras vezes. Mas meu projeto de ser escritor tornou-se o principal. Deixava

de ir a festas. No fim de semana, me trancava escrevendo. Confesso: ao reler muitos daqueles primeiros textos, me envergonho. Eram muito ruins! Ainda bem que não procurei ninguém para avaliar meu talento! Teria desistido! Tanto que, atualmente, se me perguntam o que é preciso para ser escritor, respondo:

— Teimosia! De todos os meus amigos que pretendiam escrever, nunca fui o melhor. Só o mais teimoso!

Ainda encontro antigos amigos falando de seus projetos, sempre adiados!

Tenho orgulho de viver como escritor. Não acho melhor ou pior do que médico, advogado, jornalista, comerciante, corretor de imóveis, agricultor ou feirante. É melhor para mim por ser o que eu mais desejava!

Em outros projetos não tive tanta persistência, como perder a barriga. Entra ano, saí ano, e prometo fazer exercícios. Não chafurdar em bolos de chocolate. Ultimamente até perdi alguns quilos, aterrorizado pelo veredito de um médico:

— Seu tipo de barriga é o pior. Leva a uma série de problemas: hipertensão, diabetes... Tem de sumir com ela!

Ah, que luta árdua!

Agora, na passagem do ano, a gente se enche de boas intenções. Promete isso, promete aquilo. Toma resoluções que depois serão guardadas numa caixinha, até o próximo *réveillon*. Talvez fosse melhor se concentrar em poucos objetivos. E tentar cumprí-los ao máximo! Outro dia, ouvi a seguinte frase em um filme: “Quem não luta por suas metas vive à base de acidentes”. Achei o máximo. A vida acaba se

resolvendo em função de golpes de mais ou menos sorte, de acontecimentos fortuitos. E a pessoa reclama:

— Nada dá certo!

Lembro da lenda de Fênix, o pássaro que queima, mas ressurge das próprias cinzas. Muitas vezes eu tive de abandonar coisas de que gostava para seguir meu caminho. E continuo assim. Sempre surgem novos projetos, novas histórias pessoais. Todos nós temos algo de Fênix. É possível se consumir nas próprias cinzas para criar uma nova vida! E nem é tão terrível como a imagem possa parecer. A Fênix retorna como Fênix, com sua identidade preservada e as asas estalando de novas. É assim que eu vejo a passagem do ano: um momento simbólico em que a gente pensa em metas, projetos, em tudo o que quer mudar! Pode ser mais fácil ou difícil. Mas também é a chance de renascer e, como a Fênix, empreender longos voos!

9. Os pequenos malabaristas

Paro no semáforo. Um garoto muito desajeitado entra na frente do carro. Começa a agitar dois pedaços de madeira. Gira um, gira outro. Derruba no chão. Pega e volta a tentar o malabarismo. Vem a luz verde. Ele corre na minha janela. Quando entrego uma cédula, uma amiga, no banco do passageiro, reclama:

— Você não devia ter dado.

Na minha opinião, não se trata propriamente de esmola:

— Pelo menos, ele está tentando fazer alguma coisa para ganhar o dinheiro. Se continuar insistindo, pode vir a ser até um bom malabarista.

De fato. Dias atrás, assisti ao desempenho de outro menino, com três bolas, que as jogava para o ar e pegava, uma atrás da outra. Até gostei. Minha amiga explicou didaticamente.

— Existem máfias que exploram esses garotos. Se você der o dinheiro, estará ajudando os bandidos.

Já ouvi essa acusação muitas outras vezes. É possível, mais ainda, provável.

— Mas, se eu não der o dinheiro, aí que não estarei ajudando coisa nenhuma.

Houve uma época em que, mal parava no semáforo, alguém jogava um balde d'água no meu vidro. Depois lim-

pava. Um serviço não pedido que, frequentemente, causava mau humor. Serei franco. Não costumo andar com dinheiro. Moedas boto em um vidro e depois troco todas de uma vez. Por um motivo simples. As moedas pesam no bolso. Minha barriga há tempos está pior que a do Papai Noel. As calças escorregam até embaixo do umbigo. Costumo andar pisando nas barras. Com o peso das moedas, uma ou duas vezes quase fiquei de cuecas na rua.

Cada vez que alguém jogava água no meu vidro, eu me sentia na obrigação de avisar que não tinha dinheiro. Recebia de volta um olhar de péssimo humor. Pior, de descrença. Quem passa os dias numa esquina limpando vidros simplesmente não acredita em um motorista que diz estar sem nenhum trocado!

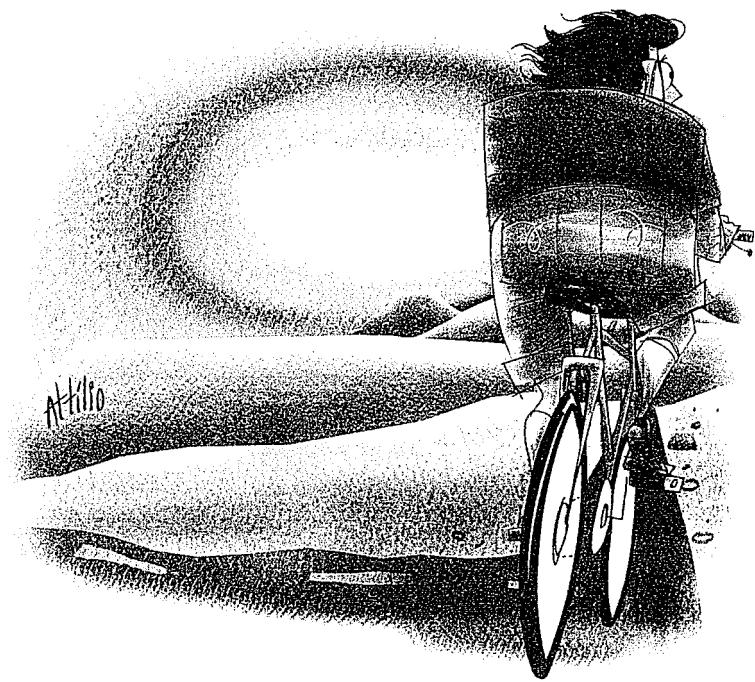
Do ponto de vista humano, entretanto, sempre considerei mais correta a atitude de querer fazer alguma coisa para merecer o auxílio. Noite dessas, por exemplo, parei em um viaduto. Um deficiente físico já adulto bateu no meu vidro. Fiz um gesto para indicar que estava sem nada. Ele começou a gritar comigo. Fugi. Os meninos malabaristas sorriem, tentam fazer seu espetáculo. Confio que em breve os pequenos paulistanos também estarão dando verdadeiros *shows*, embora eventualmente possa haver um ou outro vidro arrebentado após um *show* de bolas. Já vi, em outras ocasiões, palhaços maquiados, gente fantasiada. Recentemente, deparei com um engolidor de fogo. Fiquei bem apavorado enquanto ele engolia chamas no meio da rua. Um errinho... e até eu poderia estar no meio da fogueira!

Enfim, no futuro um folheto turístico da cidade poderá até fazer referência aos números circenses exercidos nos semáforos.

Muitas pessoas que conheço compartilham a opinião de minha amiga. Não concordam em pagar pelos *shows* de semáforos. O discurso é sempre o mesmo, e não posso negar que tenha sua lógica.

— Essas crianças não deveriam estar na esquina, mas estudando — explica um conhecido.

Concordo. Mas também sou realista. A verdade, só quem sabe, são essas crianças. Talvez o pouco que consigam seja essencial para sua sobrevivência. Certamente, praticar malabarismo é uma alternativa bem melhor que assaltar. Mas não tenho certeza do que é certo ou errado, nessa situação. Sou só um sujeito que anda olhando o mundo com perplexidade cada vez maior. Fico confuso. Tenho vontade de ajudar, de pagar meu “ingresso” até pelos números malfeitos. Fico pensando: que mundo é este onde mesmo um gesto de caridade é motivo de dúvida?



10. Ciclos

Início de ano sempre me leva a um balanço. Da vida em geral. Lembro de amigos que perdi, valorizo os que fiz. Em 2005, por exemplo, minha turma do colegial voltou a se encontrar. Estudamos no fim da década de 60. Foram anos rebeldes. Fizemos greves. Íamos a assembleias da Universidade de São Paulo. Descobrimos juntos tudo a que aquela geração teve direito: política, sexo, *rock*. Compartilhamos escolhas profissionais. Éramos unidos.

Certa época, já com 20 anos, eu estava sem condições de alugar um apartamento. Um amigo de escola, Raul, me abrigou na casa de sua família. Morei lá um ano, até encontrar trabalho fixo. Meu primeiro bom emprego foi também a mãe de uma amiga, Bia, quem me arrumou. O tempo passou. Nos distanciamos. Cada um buscou seus caminhos. Uma colega vive em Israel desde então. Outro, na Suécia. Com alguns, mantive contatos. Fizemos um reencontro na década de 80 e não nos vimos mais. Uma colega, Lóris, talentosa fotógrafa, faleceu. No ano passado; resolvemos nos ver. Houve um primeiro encontro, tímido. No segundo, Lúcia levou todo mundo para casa e preparou *pizza*. Os encontros tornaram-se frequentes. Um grupo vai viajar junto para a Argentina. Olhamos uns para os outros e vemos, pelas linhas de expressão, os mesmos adolescentes. Quilos a mais, cabelos a menos. Mas há algo intangível que

permanece. Ninguém entende: por que ficamos distantes tanto tempo?

Quantas pessoas queremos reencontrar quando fazemos um balanço da vida? Penso: quantos futuros possíveis deixei de viver?

Às vezes encontro pessoas com sonhos guardados em uma caixinha. Atores que ainda ambicionam determinado papel. É preciso ser realista, como comentei com uma amiga.

— Há uma idade para fazer Julieta... depois vem a ama, ou a mãe.

Nem sempre insistir num sonho é saudável. Já encontrei atrizes, depois da sétima plástica, acreditando que ainda vão fazer o papel de garotinhas. Seriam belas mulheres maduras, se aceitassem a passagem do tempo. Senhores ainda correndo atrás de uma paixão juvenil, esquecendo que fincar raízes também pode ser maravilhoso.

É cruel? Sim, é cruel em um mundo onde tudo o que é novo é valorizado. Onde dizem que é feio envelhecer. Também vejo jovens que não desfrutam seus anos dourados, tentando planejar a vida como se fosse pura matemática. Sem pensar que uma longa corrente de fatos, invenções, crenças, filosofias une passado, presente e futuro.

Há novidade na passagem dos anos. Acredito que os sonhos amadurecem com a vida. Tenho mil ilusões dentro de mim. Algumas novas, outras velhas. Na maioria, transformadas. Nunca consegui andar de bicicleta, desde criança. Meu irmão Árton tentava me ensinar. Eu pedalava. Quando ele me soltava, eu levava um susto. Caía. Até hoje lamento não ter aprendido. Outro dia, descobri que meu amigo Beto,

com mais de 60 anos, comprou uma casa no Guarujá. Passa lá todos os fins de semana. Disse, satisfeito.

— Vou à padaria de bicicleta.

Fiquei admirado. Pensei: sempre é tempo.

No início deste ano eu descubro que a vida é feita de ciclos. Cai a chuva. A água molha a terra, as plantas crescem. Evapora. Formam-se nuvens. A chuva vem novamente. Muitas vezes, forma-se um lindo arco-íris, ao fim do qual, conta-se, há um pote de ouro.

Quando se inicia um ano, medito. A água evaporou, a chuva caiu e as plantas estão crescendo novamente. Um novo ciclo se inicia. E eu já penso em comprar uma bicicleta.



11. Amigos-secretos

Tenho trauma com amigos-secretos. Começou na minha infância. Inventaram uma “mãe-secreta” na igreja. Mandei bilhetinhos. Ela respondeu me enviando um livro que tenho guardado até hoje. A festa se aproximou. Meu coração batia furiosamente. Talvez fosse boa cozinheira e adorasse fazer pudim de leite. Coisa que minha própria mãe odiava. Enquanto as outras crianças abraçavam sua mamãe revelada, virei o pescoço procurando. Finalmente alguém avisou:

— Ela não pôde vir, manda o presentinho depois.

Foi um golpe. Nunca a conheci. Os anos se passaram. Trabalhava em uma editora. Minha amiga secreta enviava bilhetinhos tórridos. “Você com esse seu jeitinho de moleque...” dizia ela. Eu emendava: “Mordidinha na orelha...” Os bilhetes cresciam em intensidade. Já nem pensava no trabalho. Passava o dia à espera. Eram quatro, cinco, durante o expediente. Tentava arrancar dos amigos.

— Quem é?

Ninguém contava. Chegou o dia! A festa foi seguindo, seguindo e... ela não apareceu. Uma amiga revelou. Era uma editora, casada. Mandou entregar o presente: uma correntinha. Dias depois, nos encontramos no corredor.

— E aí, legal a correntinha — comentei.

— Pois é...

Sorriu e continuou dizendo:

— Dei muita risada com os bilhetes!

Certa época torcia para ser tirado por algum chefe. Para ganhar presente caro. Coisa nenhuma. Duas vezes seguidas, fui eu quem tirou o patrão. Tive de dar coisa boa. Mais ainda: caí nas mãos dos *motoboys* da empresa! Num ano, recebi uma camiseta com a estampa de uma prancha de surfe que parecia flutuar sobre a minha barriga. No outro, um CD. Sabia quanto esses presentes haviam sido caros para eles. Deu até dor na consciência: não usaria a camiseta, nem ouviria o *rock* pauleira. Mas agradeci com o melhor dos espíritos natalinos! Amigos-secretos em empresas têm perdido seu charme. As pessoas ficam com medo de arriscar em presentes criativos. Trocam CDs. Todo mundo de sorriso ^{atônito} atarraxado:

— Ai, que bom, era justamente o que eu queria!

Também já aprontei: certa vez quis fazer bonito. Comprei uma linda camisa na liquidação, bem baratinha! Meu amigo-secreto quase chorou.

— Puxa, que presente!

A camisa não serviu. Gentilmente, pediu que eu trocassem.

Não havia possibilidade de trocá. Eu estava sem grana para comprar outra! Quinze dias depois, ainda delicadamente, ele me cobrou.

— Já trocou a camisa?

Um mês e meio se passou. Irritado, inquiriu-me:

— E a camisa?

Meses depois gritava em alto e bom som.

— Quero minha camisa!

De amigos secretos, nós nos tornamos inimigos declarados! Ainda hoje estou devendo o presente!

Famílias também recorrem ao amigo-secreto. É uma maneira de todo mundo ganhar alguma coisa, sem altas despesas. Uma vez fui passar o Natal na casa de um amigo. Ao entregar seu pacotinho para um rapaz, a tia observou:

— Acho que você não vai gostar!

Era uma bolsinha cor-de-rosa! Para surpresa geral, o presenteado gritou:

— Adoooooreeeeeiiii!

Apesar dos dissabores, não me corrijo. Passei as últimas semanas trocando bilhetinhos com minha nova amiga-secreta — se é que é ela, e não ele! A coisa pegou fogo, outra vez. Uma delícia! Vai acabar em piada, mas o que importa? Tenho um prazer especial em escolher o presente. É alguém entrando na minha vida de um jeito surpreendente! Torço para que a nova amizade não acabe no Natal. Se é tão bom trocar mensagens, por que não bater papo o resto da vida?

12. Cantigas de arrepiar

Ando assustado com as cantigas infantis! O nenê está no berço, brincando com o chocalho. Mamãe canta com voz melosa:

“Boi, boi, boi, boi da cara preta / Pega esse menino / Que tem medo de careta!”.

Eu ~~não~~ sei como o bebê não pula sobre as grades de susto! Mamãe está chamando um boi furioso para levá-lo? Comentei com um amigo, que revidou:

— A criança não entende as palavras.

Será? A certa altura começa a saber o que é mamãe, papai. Acabará descobrindo também a ameaça do boi malvado! Ou da Cuca, como em outra doce cantiga de ninar:

“Dorme, nenê / Que a cuca vem pegar...”

A Cuca é tão terrível que virou vilã de um livro de Monteiro Lobato. Em *O Saci*, a menina Narizinho é sequestrada pela dita-cuja e salva depois de mil peripécias de seu primo Pedrinho. Na série de televisão, tornou-se personagem constante, sempre em guerra com os heróis do *Sítio do Picapau Amarelo*. No livro e na televisão, a

Cuca sempre é derrotada. No berço nunca! A mãe canta, e a criancinha aterrorizada espera a malvada! Deve dormir de susto, coitada!

E as de roda? Há uma simplesmente horrenda:

“Atirei o pau no gato-to / Mas o gato-to /
Não morreu-reu-reu / Dona Chica-ca-ca /
Admirou-se-se / Do berrô, do berrô /
Que o gato deu / Miaau!”.

Ao terminarem, as crianças se agacham, rindo. Do quê?, me pergunto. Acaso é engraçado ser cruel com um gato? Cantar o berro? Como se devesse ter perdido as sete vidas com a pancada? Qualquer associação de defesa dos animais concordaria com minha surpresa! Mais que isso: qualquer pessoa bem-intencionada!

Na clássica *Ciranda, cirandinha*, a certa altura vêm estes versos:

“O anel que tu me deste / Era vidro e se quebrou /
O amor que tu me tinhias / Era pouco e se acabou”.

É uma ode à rejeição. Também à intransigência. Ao comparar o afeto com vidro, dá a impressão de que os laços não podem ser refeitos. Acabou, acabou! Mas não é importante ensinar que é preciso preservar os sentimentos, perdoar as faltas alheias?

Confesso: foi um leitor quem me abriu os olhos. Escreveu-me falando de sua experiência. Mora nos Estados Unidos e trabalha como *baby-sitter*. Começou a cantar *Boi*

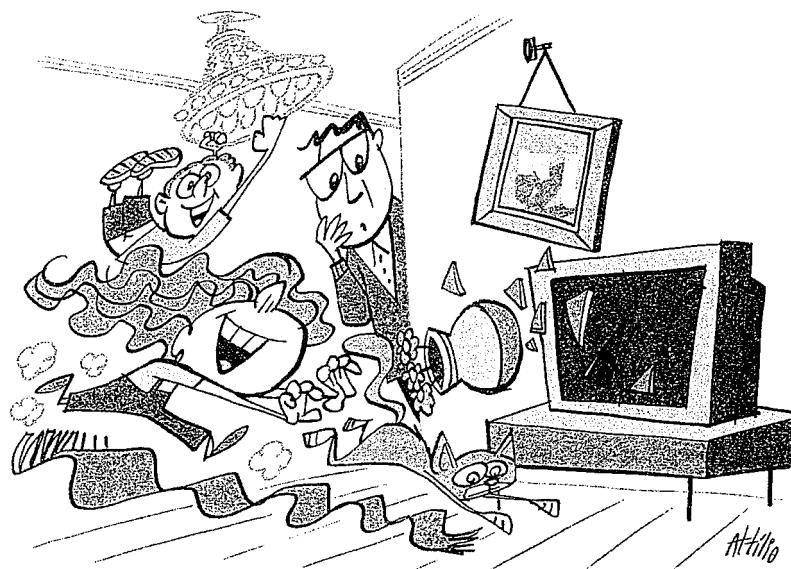
da cara preta para o menino da casa, e o pimpolho adorava! A mãe pediu para traduzir. Só então caiu em si. As cantigas americanas, segundo disse, são doces e repletas de ternura. Como explicar que estava chamando um boi bravo a uma americana capaz de processá-lo por tortura mental? Acabou sem contar o que dizia a canção. Surpreendeu-se:

— Será que desde o começo não estamos ensinando a linguagem do medo?

Não preciso ser experto em pedagogia. Qualquer professor que entrasse em uma classe do maternal e ameaçasse os alunos com bichos furiosos ou monstros perderia as aulas. Muitas crianças seriam remetidas ao psicólogo para se recuperar do choque. Mães, pais, babás acham lindo chamar a Cuca! Não é uma contradição?

Houve certa vez um movimento para mudar as letras. A reação foi de revolta por parte de quem acreditava que a tradição não podia ser mexida.

Temo estar sendo radical. Mas, ao refletir sobre as cantigas, sinto um travo de inquietude. Surgiram há muito tempo, em uma época em que a educação se fazia com ameaças e castigos. Hoje tudo mudou. Crianças merecem cantar sonhos e felicidade. Para que crescer com medo de monstros, achar divertido atirar o pau no gato? Deixar que os pequenos espíritos infantis se quebrem como vidro? Quem sabe a capacidade de amar ficará para sempre comprometida.



13. A casa destruída

Um casal de amigos avisa que vem me visitar. Sinto um arrepio de terror. Não por eles. Somos próximos desde antes de seu casamento. Mas devido aos dois filhos pequenos! Corro para colocar os objetos no alto de estantes, dentro dos armários da cozinha etc. Somem vasos, castiçais, cinzeiros. Arrumo a mesa de centro com copos, queijo, bolachas, docinhos. Escondo um patê no fundo da geladeira, assim como um vidro de berinjela no azeite. “Tudo o que possa derramar será derramado”, aviso a mim mesmo.

As crianças são umas gracinhas. Lindas. Inteligentes. Ágeis. Mas os pais são incapazes de dizer “não”. Logo depois que eles chegam, a casa parece ter passado por um arrastão. Restam os copos, é claro. Assim que sirvo o refrigerante, o garoto arrebenta o seu contra a mesinha. Posso parecer rabugento. Mas qual o motivo de ele sorrir alegremente? A mãe também sorri:

— Quebrou! Quer tomar do meu copo, filhinho?

— É melhor recolher os cacos, senão as crianças podem se cortar — diz o pai, imóvel.

Enxugo. Limpo a mesa, o tapete. Minha amiga indaga distraidamente:

— Era parte de algum jogo?

— Não faço questão de ter copos iguais, vivem quebrando.

Por que disfarço? Para preservar a amizade. Se disser um “ai”, ela se voltará contra mim. Não admite que alguém dê bronca nos filhos! Ouço um grito. É a menina. Acaba de derrubar meu vaso de violetas preso na parede. Ficou na pontinha dos pés e puxou. O pai vai abraçá-la.

— Machucou, bonitinha? Não chora, não chora...

Agora é a vez de varrer o chão. Ganhei as violetas de presente, há alguns anos. Eram a lembrança de uma grande amizade. Saio da recordação ao ouvir novo grito lancinante. O garoto escorregou. Bateu o queixo e está sangrando.

Enquanto a mãe lava o ferimento e passa remédio, ele consegue atirar meu sabonete perfumado dentro do vaso. Olha para mim e sorri. Arreganho os dentes de volta. Aproveito e faço uma expressão monstruosa. Ele grita e se refugia nos braços maternos. Ela me encara com horror.

— Só brinquei — digo inocentemente.

— Viu? Era só o tio! Vai, abraça o tio.

Ele vem para meu colo. Há um instante de trégua. Até ele puxar minha corrente com o crucifixo. Os elos arrebentam. A mãe observa fracamente.

— Ih! Arrebentou a correntinha do tio.

— Corram aqui! — grita o pai.

A garotinha acaba de botar a cruzinha de ouro na boca. Eu seguro seus braços, a mãe a cabeça, e o pai abre os dentes cerrados. Consegue agarrar o pequeno crucifixo antes que seja engolido. Quando terminamos, cadê o garoto? Procuramos pela casa desesperadamente. Ouço um latido. Ele fugiu pelo portão! Tenta agarrar o dobermann do vizinho, que passeava com o cão. O dono puxa a coleira, para impedir que o cachorro triture a criança. Berra:

— Sai daqui, sai daqui!

A mãe afasta o menino, furiosa:

— Não grita com meu filho!

O anjinho chora mansamente, magoado!

Sirvo rapidamente os bombons guardados na geladeira.

As crianças adoram. Aproveitam para exercer suas habilidades artísticas no sofá branco e nas almofadas, em que passam os dedos com as mãos imundas de chocolate.

— Vocês sujaram o rosto! — descobre a mãe.

Olho em torno, desconsolado. Onde estará o tira-manchas?

O casal despede-se.

— As crianças precisam tomar banho. Foi uma tarde ótima.

Caio sentado no sofá. Vejo uma cadeira virada, mas não tenho forças para arrumá-la. Por que alguns pais e mães são incapazes de dizer “não”? E mais: como serão essas crianças quando se transformarem em adultos, crescendo assim, sem noção de limites?

14. Finalmente loiro

Passei a infância ouvindo elogios destinados ao meu irmão mais velho. Seu cabelo loiro e os olhos azul-esver-deados exerciam um poder de atração quase sobrenatural em vizinhas, amigas e conhecidas de mamãe. Mal o viam, gorjeavam:

— Que menino lindo!

Em seguida, miravam em minha direção:

— Esse aí também é seu?

Eu me sentia um pardal perto de um canário, com meu cabelo castanho e olhos idem. Ainda por cima, óculos enormes, fundo de garrafa, que uso desde os 10 anos. E roupas um tanto folgadas, pois eram herdadas do primogênito.

Cresci desejando um cabelo incrível. Deixei crescer na adolescência. Queria adotar um estilo desgrenhado. Inútil. É liso e na testa cresce para a frente. Caía nos meus olhos. Eu ficava com a aparência de um cachorro lulu. Pior. Se chovia, tinha de abrir os cabelos molhados sobre os óculos como se fossem cortinas!

Uma amiga me aconselhou:

— Se quer ter reflexos bonitos, faça um banho com chá de cebola antes de dormir.

No dia seguinte, um colega de trabalho comentou:

— Você está com cheiro de salada!

Dali a alguns anos, radicalizei. Passei a máquina. Era ótimo. Tomava banho e não tinha de me pentear. (Sou muito preguiçoso para as pequenas vaidades cotidianas.) Mas ganhei peso. Assustei-me quando um amigo foi me visitar. Comentou:

— Você engordou um pouquinho, não é?

— Já perdi uns 200 gramas na semana passada!

— O seu rosto está redondo. Parece um Buda!

— O quê, um Buda? Estou tão gordo assim?

— Acalme-se! Buda era muito bonito. A cara redonda fica muito bem em você!

Eu poderia ter culpado os churrascos, as *pizzas* e as cervejas. Acusei o cabelo curto. Deixei crescer. À medida que os fios se alongavam, a surpresa. No período, eu ganhara alguns grisalhos. Esparsos como flocos caídos aleatoriamente. Fui ao cabeleireiro:

— Quero uns reflexos grisalhos, para ficar homogêneo.

Passei pela tortura de ter uma touquinha enfiada na cabeça e os fios puxados, um a um, pelas raízes. Fui colocado embaixo de um secador durante um tempo enorme. Agora eu sei como se sente um frango de padaria! No fim da provação, adquiri uma aparência grisalha e distinta. Um senhor.

Os meses passaram. Chegou a hora de realizar o ritual outra vez. Tinha uma palestra importantíssima, organizada pelo meu chefe, às 18h30. Fui ao cabeleireiro uma hora e meia antes. Perguntei se havia tempo.

— Claro! — ele sorriu.

Botou a touquinha. Puxou os fios. Passou a tintura. Ligou o secador. De tempo em tempo examinava.

— Ainda não chegou ao tom!

Às 18h30, meu chefe ligou para saber se eu estava a caminho.

— Preciso ir!

— Mais uns minutinhos.

Às 18h45 ouvi um rugido pelo celular.

— Tenho de terminar, há cinquenta pessoas me esperando!

O algoz declarou.

— Se você sair agora, fica loiro.

Brigar com o chefe ou virar loiro? Virei loiro. Corri para a porta. O cabeleireiro me entregou um xampu especial.

— Passe e deixe dez minutos todos os dias que ele chega à cor grisalha.

Dei a palestra inteiramente loiro, sob o olhar espantado da chefia. Há uma semana ando ouvindo os comentários mais disparatados. Meu terapeuta se recusa a acreditar que fui vítima das circunstâncias.

Hoje tomei coragem. Passei o xampu e... surpresa! Estou com a cabeça azul-marinho! Aterrorizado, lembrei-me de que há um ano fui responsável por um contratempo profissional do cabeleireiro. Quando enxaguar, virá a revelação.

Amanhã posso estar mais loiro ainda. Grisalho. Ou até careca! Ah, que saudade do meu cabelo castanho!

15. Chique no último

Todo mundo gosta de ser chique. Até quem finge não se importar com isso. Ninguém gosta de espetar a coxa de frango com o garfo evê-la sair voando para o prato do vizinho. Ou de chegar a uma festa de camiseta e descobrir que os convidados estão de paletó e gravata. Os esnobes costumam dizer:

— Ser chique é ser simples! É ser quem você é.

Puro disfarce! As perucas não querem confessar as horas torturantes no cabeleireiro, os pavões fingem não se importar, enquanto exibem a gravata de grife. Constatei que estava por fora quando uns amigos foram jantar em casa. Servi o vinho. Adoraram. Não resisti:

— É um vinho baratíssimo!

Contei o preço, orgulhoso de minha descoberta. Silêncio geral. Um amigo, enólogo, pegou a garrafa, examinou o rótulo.

— Certamente é de segunda linha! — concluiu.

Quase entrei embaixo da mesa. Não podia ter fechado o bico? Fingido que havia pago 1.000 dólares a garrafa? Oh, língua!

— Chique é nunca falar quanto custa alguma coisa!

— aconselhou outro conviva.

Em seguida, foi além. Eu havia colocado as facas do modo errado, com o corte para fora. Uma gafe.

— O corte tem de ficar para dentro. Senão, é muito agressivo.

— Agressivo? Vão pensar que pretendo assassinar alguém? — rosnei.

E chique é dar lição de etiqueta ao dono da casa? Francamente!

Às vezes acho que tentar ser elegante é o melhor jeito de enlouquecer! Dia desses, descobri um grupo na internet — mais precisamente, uma comunidade do Orkut — sobre o que é ser chique. Tem mais de 1.500 pessoas! Ficam batendo papo, trocando dicas. Entrei em uma discussão sobre magreza. Bem a propósito. Nos últimos tempos, a humanidade parece acreditar que bonito é ser esguio como um fio de macarrão cozido. Bonito até pode ser, mas *sexy*... A discussão pegou fogo. Alguém argumentou:

— Mas o Jô Soares é chique!

Bingo! Ninguém pode argumentar que o gordo mais famoso do país não seja elegante. Tem estilo. Veio o toque decisivo.

— Há uma porção de modelos magérrimas que não podem abrir a boca!

Uma das participantes confessou:

— O salão de beleza é minha segunda casa!

Outra contrapôs:

— Bom é assumir os cabelos cacheados!

Fiquei pensando: por que tantas mulheres veneram cabelos lisos? Escaldam a cabeça. Fazem chapinha?

Acompanhei uma longa discussão sobre se *escarpin* alto combina com saia curta. A conclusão foi: sim! Desde que seja preto com saia escura.

Gravata com camisa de manga curta? Reprovadíssimo! Pior mesmo, homem de bermuda, sapato social e meia esticadinha. Horror dos horrores, a bolsa pochete.

— Ainda mais de couro! — alvejou uma garota.

Comprovei: pantufas têm seu charme. Existem de leóezinhos, de joaninhas, de cãezinhos.

— Tenho uma de sapinhos que levo para todo lugar. Uma porção de gente quer saber onde comprei! — revelou uma jovem.

Um tema conquistou a unanimidade: adesivo de carro é brega. O grupo da internet fez um *ranking* dos piores:

“Nas curvas do teu corpo capotei meu coração”.

“Aqui só entra avião”.

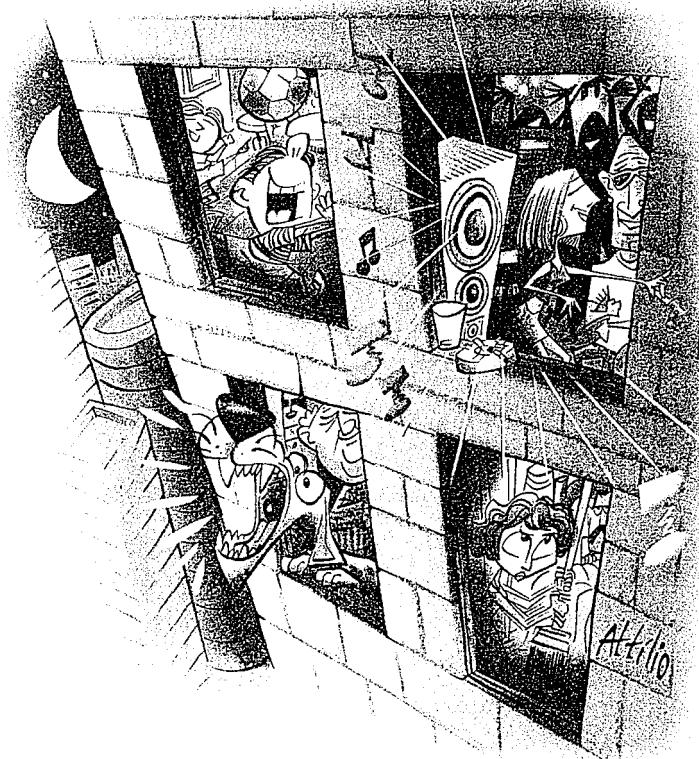
“Nóis capota mais num breca”.

“Távelo mais tá pago”.

Todo mundo fez piada. Até que uma garota confessou:

— Sempre tive horror de adesivo de carro. Mas não resisti e botei a foto do meu cachorrinho colada, bem no cantinho...

Unanimidade geral novamente: cachorrinho pode! Gostei. Não passo o tempo todo querendo ser chique. Também, não pretendo ser confundidó com um homem das cavernas! Ser chique pode não ser a coisa mais importante do mundo. Mas que é gostoso... ah, é!



16. A lei do silêncio

Três horas da manhã. O vizinho está dando uma festa anos 70. Não fui convidado. Mas é como se estivesse lá dentro. O som invade meu quarto. Faço as contas: pela seleção musical, a turma deve andar na maturidade. Quanto tempo um bando de cinqüentões aguenta ficar saltitando na sala? Eis a resposta: muito! Muitíssimo! A música só para depois das 4. Volto às cobertas. Inicia-se uma sucessão de barulhos de alarmes de carros sendo desligados. Piiii. Pum. Uóóóóó. Suporto, esperançoso. Os convidados partem! Oh, não! Um grupo fica na minha esquina. Conversando em altos brados. Rindo. Dá vontade de atirar uma bacia d'água! Reflito:

— Impossível resistirem tanto tempo no frio.

Quem disse? Fazem piadas. Flertam. Marcam encontros. Finalmente, quando vão embora, meus olhos ardem. Caio na cama. Acordo poucas horas depois com o ruído de uma serra elétrica. É a obra do vizinho da frente. Em pleno sábado. Cedo! Depois da 1 hora da tarde, vou falar com o mestre de obras.

— Vocês já deviam ter parado.

— É que a gente está com pressa de terminar.

Eu, como fico?

Uma outra casa tem um cachorrinho que late e geme a noite toda. Noite após noite! Nunca ouvi os moradores

pedirem para ficar quieto. O cachorro não tem culpa. Os donos deviam estar atentos! Soube de uma obra, recentemente, em um apartamento gigantesco no centro da cidade, onde o morador de baixo chamou a polícia para parar com as marteladas fora de horário. O de cima, ofendidíssimo, ameaçou pular no seu pescoço, porque estava atrapalhando a reforma! Sem falar nas obras públicas. Alguém já enfrentou mudanças na tubulação de gás, com a britadeira na calçada durante a noite inteira? Já passei por isso, durante uns quinze dias. Depois de me revirar na cama durante horas, eu me levantava. Impossível ler. Sentava na sala, esperando o dia. Paravam de manhãzinha. Era tão ruim que eu até ficava aliviado com o barulho do congestionamento!

A questão do silêncio não se restringe a obras, cães e festas. Outro dia dei carona a um casal, depois de uma reunião de trabalho. O rapaz sentou no banco de trás. Ligou o celular. Percorremos uns 10 quilômetros até um *shopping*. Estacionei. Descemos. Entramos em uma doceria. Ela pediu por ele. Sentamos. Ele continuava na ligação. Esbravejando:

— Veja lá o que está acontecendo! Assim não dá!

Eu e a moça não conseguíamos falar, tal a altura da conversa. Comemos o bolo à espera para falarmos de nossos próprios negócios. Ele desligou. Respirei fundo. Cedo demais! O marmanjo iniciou nova ligação!

Um amigo quase perdeu os tímpanos no elevador. Três senhoras conversavam, uma tentando falar mais alto que a outra.

— Espera, deixa que eu tenho uma coisa para contar...

— Só quero terminar o que estava dizendo...

— Ih! Sabem do que me lembrei?

Ao chegar ao térreo, o rapaz estava zonzo!

Há pessoas que falam alto até no ambiente de trabalho. Em uma redação, havia uma jornalista com voz tão estridente que o crítico de cinema comentava:

— A dublagem devia ser obrigatória!

Já presenciei dois vizinhos de apartamento discutindo. O de cima tocava bateria.

— Ensaio com meus filhos, é uma forma de estarmos juntos, em família!

O outro nem sabia o que dizer — como impedir a união entre pais e filhos?

Ninguém percebe que os outros precisam dormir, que voz alta incomoda? Às vezes, tudo que quero na vida é ficar em paz, bem quietinho. Diz o antigo ditado: “A palavra é prata, o silêncio é ouro”. Por mais valioso que seja, o silêncio não costuma ser respeitado como merece!

17. Gentileza ao avesso

Não me conformo com certos comentários corteses. Havia um bom tempo, eu estava jogando vôlei. Saltei para rebater a bola. Aterrissei na quadra de cimento. Ralei a perna. Fui para o banco. A coxa em chamas. Que felicidade! Veio um colega. Deu o maior apoio:

— Não foi nada.

Como? Nem podia sofrer em paz? Já vi a situação se repetir mil vezes. A criança cai de boca no chão do *shopping*. A mãe garante que “não foi nada!”. A modelo desaba na passarela. Tornozelo torcido. O contrato, confete. Sempre há um simpático para garantir que não é nada, nada!

Pior é velório. A pessoa com o coração partido. Chega alguém, animador:

— Não chore!

Ué, não pode chorar? Deveria estar jogando uma partida de pingue-pongue? Toda vez que perdi alguma pessoa querida e ouvi esse conselho, tive vontade de sair no tapa.

Se na casa alheia servem um prato pavoroso? Já me aconteceu. Era uma torta de frango com gosto de sapato velho. Cada pedacinho deslizava pela minha garganta feito um pedregulho! Engoli tudo, para não fazer desfeita. A anfitriã colocou outra fatia no meu prato.

— Coma mais um pedacinho!

Ah, frase trágica! Que fazer com a torta? Queria enfiar no bolso, disfarçadamente! Mas, se alguém visse, ainda ia dizer que estava levando comida para casa!

Também fico fora de mim ao ouvir:

— Até que você não está tão mal assim!

Esse mimo costuma ser dito justamente quando a gente tenta cavar um elogio. Chego a um coquetel de mangas arregaçadas, *jeans* e tênis. Todos os outros convidados estão de terno. Para me sentir à vontade, comento com a garota que me recebe:

— Ih! Acho que errei o traje.

Vem a frase fatídica. Algum ser na face da Terra se acalma ao ouvir tal consolo? Não estou tão mal assim? Fico com a sensação de estar péssimo! Existem várias adaptações, uma mais torturante que a outra.

— Você não dirige tão mal assim!

— Você não engordou tanto assim!

A pior de todas:

— Você não está tão velho assim! — quando dito por uma jovem bem novinha, é doloroso!

Corro ao espelho. Os pés de galinha aumentaram?

O cheque volta. O mês está se espichando até o próximo salário! Procuro uma amiga. Não, não vou pedir dinheiro emprestado. Só ambiciono um ombro para me lamentar. Ela diz:

— Não se preocupe!

Belo consolo! Só se for doido! O conselho vem seguido de uma divagação filosófica:

— Não tem do que reclamar! Tem gente em situação muito pior que você!

Sim, é verdade! Há uma multidão em situação ainda mais dramática. Mas e meu rombo no banco? Devo esquecer? Sair cantando pelas ruas?

A adolescente sai para a balada e avisa à mãe:

— Fique sossegada.

Ah, é? A pobre senhora vai ficar calmíssima, enquanto rola a madrugada? Ao amanhecer, a criatura chega trançando as pernas e comenta:

— Viu só? Tudo bem!

É a típica situação em que nada está bem. Não fica bem nem dizer uma coisa dessas! Mas ai da mãe que se rebelar diante da afirmação!

Até assaltantes praticam esse tipo de etiqueta. Um amigo foi pego em um sequestro-relâmpago. No carro. O sujeito apontou o revólver. Garantiu:

— Nós *tamo* aqui numa boa. Fica tranquilo.

Que beleza! Se estavam “numa boa”, por que enfiar o cano no nariz?! Haja tranquilidade!

Ao se separar, uma amiga entrou em guerra com o marido. Os dois quase se esganaram por causa da partilha dos bens. Até a posse do filho entrou na dança! Uma tia idosa quis dar uma força:

— Tudo vai dar certo, é questão de tempo!

Era a prova de que pior não podia ficar! Gentileza por gentileza, quando não há o que dizer, é melhor fugir de uma frase feita.

18. Ser o que não se é

Já perdi a conta do número de pessoas que vêm com a história:

— Meus avós eram riquíssimos, meu bisavô foi até barão. Perderam tudo na...

Em um país de altos e baixos, é comum encontrar fidalgos matando cachorro a grito. Só me espanta o número. A quantidade de descendentes de nobres franceses por aqui daria para povoar a Lua! Outro dia fui ao conjugado de um sujeito gordo e bigodudo. Havia uma cristaleira antiga, que ocupava a metade da parede. Dentro, uns copos esbeiciados.

— Foram de minha avó... chiqueiríma, só servia a mesa com talheres de prata.

Olho as paredes rachadas, sem pintura. Penso: “e daí?”. Ao comentar tanta fidalguia com uma amiga comum, tive a revelação:

— Nobre coisa nenhuma. Os copos ele arremata nas feirinhas de antiguidade, só para botar banca.

Muita gente se mata para comprar roupa de grife à prestação. Depois, só falta pregar a etiqueta na testa. Dia desses minha amiga Janice se encontrou com um casal poderosíssimo. Marido dono de empresa, mulher diretora. Falararam de cães. A executiva descreveu os seus: todos de alto *pedigree*.

— E você, quais tem?

Minha amiga começou:

— Um pincher... um policial...

A outra torceu o nariz diante de raças tão comuns. Janice lembrou-se de seu vira-latinha. Uma graça. Saiu-se com esta:

— E um sptifire do Himalaia.

O casal arregalou os olhos. A mulher arriscou:

— Mas... essa deve ser uma raça muito rara.

— Raríssima.

O marido pediu a descrição. Precisava ter alguma noção do tal cachorro único.

— Bem... tem o porte médio... pelo levemente amarelado... baixo... orelhas pontudas...

O casal ouvia, torcendo as mãos. Certamente, até hoje estão vasculhando canis em busca do tal sptifire.

E a mania de se exibir com vinhos? Não me refiro aos verdadeiros enólogos, que encontram prazer real na garimpagem de rótulos e safras. Mas a quem age como se conhecer vinho significasse alto *pedigree*. No restaurante, é um ritual. A pessoa cheira a rolha. Mete o nariz na taça. Experimenta. Gargareja.

— Está bom.

O *sommelier* sorri, como se estivesse aplaudindo um experto. Já conhece o tipo. Na hora da conta, o sábio reclama.

— Que absurdo! Também, o vinho está caríssimo.

Pergunto: a mesma pessoa teria coragem de escolher outro, mais barato? A demonstração de *status* onde fica? Mesmo que tenha de parcelar no cartão!

Conheço uma estilista que se faz de chiquérrima e mora em casa alugada. Com a mesma quantia, poderia pagar a prestação de um ambiente mais modesto! Algumas *socialites* ligam para as lojas para pedir vestidos emprestados, com a desculpa de fazer propaganda.

Certa vez, ao comentar que meu pai era ferroviário, ouvi uma resposta-surpresa:

— Que coragem você tem de confessar!

Coragem? Acaso me envergonho de minha origem mais humilde? Tenho é orgulho. Vergonha seria inventar biografia falsa. Como uma amiga da Zona Leste. Orgulhosa, mostrou a mãe, velhinha, rosto sulcado de tanto pendurar roupa no sol.

— Ela descendente de nobres russos. Fugiram durante a revolução.

Que glória mais sem pé nem cabeça!

Certa vez, há anos, um primo fechou um veículo na estrada. Buzinaram. Foram para o acostamento. Do outro carro saiu um sujeito furioso, aos berros.

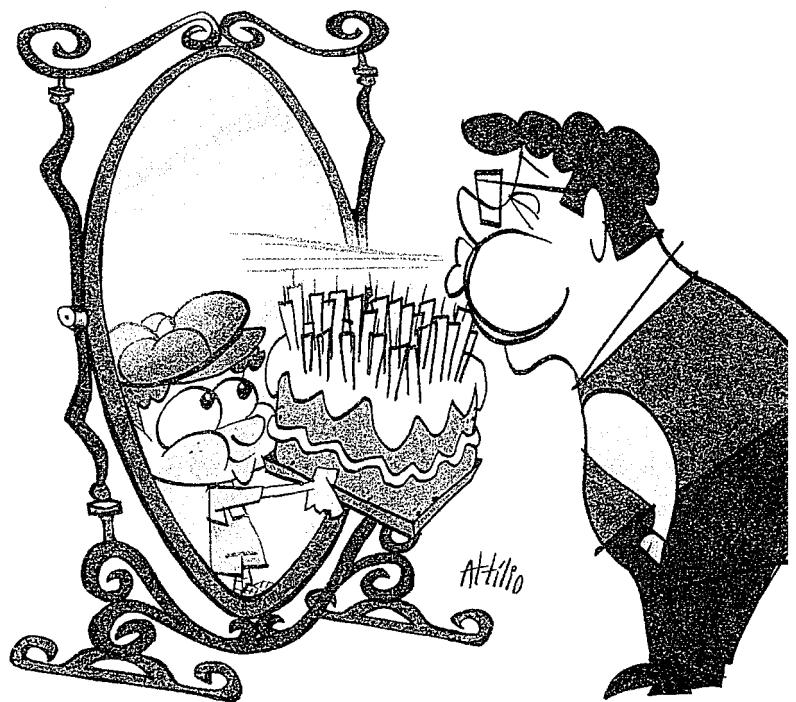
— Sabe com quem está falando?

Meu primo vislumbrou a tragédia: seria um militar, um político, o primo do papa? Só havia uma saída. Berrou de volta, mais alto ainda:

— E você, sabe com quem está falando?

Os dois silenciaram. Cada um correu para seu carro e fugiu.

Se qualquer um dos dois soubesse com quem falava, provavelmente não teria a menor importância.



19. Meu aniversário

Neste sábado, é meu aniversário. Dá uma sensação estranha fazer 56 anos. O mundo mudou muito no espaço da minha vida. Às vezes dou palestras em escolas. É difícil explicar às crianças como era minha infância. Não havia celular nem computador doméstico. Nem se imaginava o que seria a internet. Na cidade em que eu morava, Marília, no interior do estado, não existia transmissão televisiva. Só conheci televisão muito mais tarde, aos 15 anos, quando mudei para São Paulo. Ter telefone em casa era difícil e demorado. Era preciso se inscrever e aguardar cinco, seis anos até que instalassem a linha — luxo reservado a poucos! Quando explico, os alunos me observam como se eu fosse um ser estranho, vindo de um planeta esquisito. Como seria um mundo sem internet? — imaginam eles! No entanto, é a minha vida! E o pior: a idade parecia pesar tanto! Lembro-me de uma prima de uns 25, 26 anos, ainda solteira. Minha tia comentava, entrustecida:

— Não casou até agora, não casa mais. Vai ficar para a tia.

A tal prima subiu ao altar somente aos 30. Um alívio para o pai:

— Desencalhou!

O namorado de outra morava no Paraná. Só se viam poucas vezes por ano. O último encontro foi marcado no

cemitério, no dia de Finados. Ela chorou, mandou cartas. Ele nunca mais apareceu. Ela continua solteira até hoje. Talvez por sorte. Casar com um sujeito que marca encontro no cemitério não ia ser legal! Se uma mulher ficava viúva aos 40, 50 anos, era normal botar um vestido escuro e nunca mais pensar em namoro ou casamento. Filha solteirona nunca saía da casa dos pais!

Quando eu tinha uns 12 anos, pensava nos 20. Seria um adulto. Falavam muito no ano 2000, quando talvez o mundo acabasse. Para mim, era tão distante! Eu estaria com 49 anos.

— Serei um velho! — exclamei.

Mais tarde descobri que as coisas não eram bem assim. Aos 20, estava iniciando a faculdade. Havia tanto pela frente! Aos 30, espantei-me ao cruzar com um parente que, com 52 anos, anunciou a aposentadoria.

— Nunca mais quero trabalhar! — declarou. — Vou descansar.

Assustei-me. Ele parecia tão novo, cheio de energia. Ficar sem fazer nada parecia incompreensível!

Juntamente com as inovações tecnológicas que ocorreram durante meu tempo de vida, mudou também a forma de sentir a passagem dos anos. As pessoas se tornaram mais jovens, não importa a data de nascimento. Se fica sozinha, a mulher madura está livre para um novo amor, em vez de se trancar em casa! Muitas pessoas descobrem uma nova profissão depois de longos anos de trabalho em outra área. A juventude transformou-se, para um bom número de pessoas, em um estado permanente. Não no sentido duvidoso de tentar apresentar uma idade que não se tem.

(Embora ninguém tenha obrigação de cultivar as rugas, pelo contrário!) O importante é a sensação de que não há idade para iniciar novos projetos, relacionamentos, tirar da gaveta um sonho há muito guardado e torná-lo real! No espelho descubro meu rosto mais maduro. Tenho cabelo grisalho. Mas, por dentro, o tempo não passou! Tenho amigos de 20, e trocamos confidências porque tanto eu quanto eles fazemos planos para o futuro! Aposentadoria, nem pensar! Há tanta coisa que quero escrever! Cursos, viagens, quem sabe mais o quê? Quando me lembro do garotinho que eu fui, penso que continuo ainda aquele menino! Aniversário após aniversário, eu descubro que, todos os dias, a vida recomeça! Pode até parecer melodramático, mas de fato o coração nunca envelhece!

20. Cada um por si

Quando aprendi a dirigir, ouvi o conselho:

— Fique na pista da direita, até ter segurança ao volante.

Bem que tentei. Preferia dirigir devagar, sem atrapalhar o trânsito. Mas a pista da direita era, e continua sendo, uma tortura. Já perdi a conta do número de vezes que fiquei parado atrás de um ônibus ou van. Passageiros sobem e descem, eu espero. Às vezes, misteriosamente, o ônibus liga o pisca-alerta. Fica imóvel. Boto a seta à esquerda, pedindo passagem. Alguém deixa entrar? Respondo: jamais! Aceleram! Se boto o braço para fora implorando compaixão, corro o risco de que me levem o cotovelo. E carros que subitamente estacionam na pista da direita para alguém descer? Outro dia, em plena avenida Água espraiada, tive de ficar esperando uns dez minutos. A mulher ainda bateu um papinho e depois desembarcou. Ao sair, me encarou. Eu me senti simplesmente um paspalho.

Tem mais: motos costumam cortar pela direita. É preciso tomar mais cuidado com quem está à direita que à esquerda. Motoqueiros e motoristas agem como se fosse uma pista de ultrapassagem rápida. Cortam subitamente minha frente. Pior: quando tento ir calmamente pela direita, sempre alguém encosta e me força a ganhar velocida-

dade. Sem falar nos carrinhos de sucata, lentíssimos, ou nas bicicletas que surgem inesperadamente na contramão. Tudo à direita. Não entendo. Quem quer ir devagar, na pista de baixa velocidade, passa por mais riscos e contratempos do que os apressadinhos.

Pedestres jamais respeitam mãos de direção. Gostam de ocupar o espaço todo. Outro dia, num *shopping*, eu tinha pressa para chegar a um encontro. Três pessoas andavam calmamente na minha frente, sem deixar passagem em nenhum dos lados. Se eu tentava ultrapassar, mexiam-se como ondas, cortando minha passagem. Um amigo foi passear na praça Buenos Aires. Três mulheres iam à frente, bem devagar, conversando. Tentou se esgueirar pelo muro. Só dando cotoveladas. Acabou descendo para a rua e andou no meio dos carros para ultrapassar os pedestres. Tudo bem, elas têm o direito de passear. Mas é justo ocupar a calçada inteira?

O metrô é terrível. Muitas vezes, quem está entrando não quer deixar que os outros saiam. O correto é esperar todo mundo desembarcar. Nas estações mais tumultuadas, é uma guerra. Um grupo se atira sobre o outro. Engalfinham-se. É um sufoco. Já me aconteceu de não conseguir descer na estação.

Em elevador, nem se fala. Entro. Dois passageiros vêm logo atrás e ficam bem na porta. Só que vão para o último andar. Quando chega a minha vez de descer, tenho de gritar:

— Um momento!

Mergulho entre braços e pernas, até ser expelido para fora. Por cortesia, quem vai para os andares mais altos de-

veria ir para o fundo. Mas não. Como se ficando na frente chegassem mais depressa.

Sem falar em avião. Na ponte aérea para o Rio de Janeiro, que uso sempre, os lugares são marcados. De que adianta? Basta o aviso de embarque para os passageiros correrem como uma manada selvagem. Já vi gente com criança esperando para evitar atropelos. O desembarque é ainda pior. Ultimamente, faço questão de viajar na janela. Não só por causa da paisagem, mas para não ser obrigado a me levantar e ficar de pé no corredor do avião. Basta a aeronave parar. Todo mundo se ergue, pega as malas e fica se espremendo à espera de que as portas sejam abertas.

Não seria mais fácil dar espaço, cumprir as leis do trânsito? Enfim, viver em sociedade? Por mim, continuo na pista da direita. Posso ficar atrás de ônibus. Mas sofro menos estresse.

21. Corpos pintados

Ando pensando em fazer uma tatuagem. Juro. Vestir somente a pele com que nasci parece ter se tornado fora de moda. Já estive diante de fotos de *tattoos* em várias ocasiões, pensando em qual poderia ser a minha. As pessoas têm cada vez mais desenhos estampados no corpo. Às vezes, acho exagero. O namorado de uma amiga minha tem tanta tatuagem que é de espantar. Até onde pude ver — ou seja, na piscina, de sunga —, seu corpo é inteiramente coberto por arabescos. Menos o rosto. Imagino que algumas partes mais sensíveis também se salvaram. Será? São dragões, sóis, luas, âncoras, símbolos tribais, letras exóticas. Ele parece um tapete persa! Com uma agravante: como é peludo, os dragões têm peruca e a cauda da serpente é enfeitada com tufos! Outra amiga, espantada, fofocou:

— Não sei o que ela viu naquele rapaz!

— Imagino o que ela não viu! — argumentei.

Tornou-se moda tatuar o nome da paixão mais recente. Principalmente nos pés. Certa mocinha, acreditando que cada um de seus amores é eterno, já botou dois ou três. Até onde eu sei, é doloroso apagar uma tatuagem. Ela vai acrescentando. Dia desses, propus:

— Por que você não coloca em ordem alfabética?

Ela me respondeu com um olhar enraivecido, como se eu tivesse dito o maior absurdo do mundo:

— Nunca mais vou me apaixonar! Ele é tudo para mim! — chispou.

Suspirei. Ah, a juventude! A continuar assim, nos próximos anos ficará igualzinha a uma lista telefônica.

Um rapaz, já trintão, tatuou a imagem do filhinho, ainda bebê. Não ficou lá essas coisas. Parecia um monstrinho! Se pintar um retrato sobre tela já é difícil, em cima de pele piora! Mostrou, orgulhoso. Refleti:

— Quando ele crescer, você vai acrescentar barba, bigode?

— Faço outra.

Vai acabar botando um álbum de retratos: o filho dando os primeiros passos, de bicicletinha, pegando o diploma...

Minha amiga Lalá não resistiu: Pôs uma serpente no tornozelo.

— Depois quero uma borboleta no ombro!

— Se você engordar, a borboleta vai ficar parecendo uma gaivota! — argumentei.

Outro amigo, Markus, quis um dragão no antebraço. Enorme. Foram semanas sem poder tomar sol. Ficou lindo! Recentemente, descobriu. Pelo horóscopo chinês, não deveria ter dragão. Mas um gato.

— Quem sabe se eu botar umas orelhinhas no dragão fica parecido... — imaginou.

— Gato não solta fogo pela boca. Nem tem asas — lembrei. Markus gemeu.

— E se eu fizer um gato correndo atrás do dragão?

Silenciei. Há momentos em que o melhor é fechar bico. Antes que ele acabe com um zoológico inteiro!

Não desisti de minha própria tatuagem. Falei com um profissional. Meu segredo: também quero um dragão!

— Se eu engordar, o dragão também engorda? — perguntei.

O rapaz fez que sim:

— A pele vai esticar.

— Que graça tem um dragão barrigudo?

— Por que você não engorda tudo que tem de engordar e depois faz a tatuagem?

Observei o tatuador. Magérrimo. Gente magra não tem noção. Sempre é possível engordar mais um pouco.

— Se depois eu emagrecer, o que acontece?

— O dragão ficará enrugado.

Céus! Quem quer um dragão enrugado?

— Por que não bota uma baleia de uma vez? — arriscou o tatuador.

Voei para longe. Todo o meu romantismo acabou. Lalá sugeriu:

— Faça com hena. Depois sai.

Recusei. Tatuagem é diferente. Dura para sempre. Usar é como pertencer a uma tribo.

Justamente por ser definitiva, resolvi esperar. Até ter certeza da escolha. Dragão, serpente, jacaré ou passarinho, a imagem vai me acompanhar por toda a vida.

22. Meu cachorro, meu tesouro

**As loucuras que só o dono de um cão
é capaz de cometer**

Existem dois tipos de ser humano: o que ama os cães e o que não suporta um latido. Desconfio por princípio da segunda categoria. Quem é incapaz de se comover diante do olhar meloso e chantagista de minha cadela “Violante”, por exemplo, deve ter um coração de pedra. Violante é policial capa preta e ganha a ração de cada dia latindo quando alguém se aproxima do portão. Foi treinada. Que eu saiba, morder, só mordeu uma vez. Minhas próprias mãos, para ser exato. Mostrei um pãozinho e ergui bem alto, querendo ver se ela alcançava. Pulou feito um canguru e, quando cravou os dentes no pão, quase levou meus dedos. É bem menos elegante que meu outro cão, um *busky* siberiano, com um olho castanho e outro azul. Quando ofereço pãezinhos, ele espera o seu com paciência e come de patas cruzadas. Quem ama cães é capaz de loucuras. Um casal de amigos tinha um sítio em Cotia, onde viviam seus dois amados pastores alemães. Eram umas feras, que sempre assustavam as visitas. Eu mesmo vivi instantes de pavor num dia em que esqueceram a porta da sala aberta. Como mãe cega, a dona da casa murmurava:

— Não são umas gracinhas?

Venderam o sítio. Fizeram uma combinação com os caseiros. Eles cuidariam dos bichos por uma quantia mensal. Contribuíram para que comprassem um terreno. Forneceram tijolos para a casa. Toda semana, iam visitar os pastores alemães. O ex-caseiro coçava a cabeça:

— Faltou dinheiro para as telhas. Outro dia, choveu nos cachorros.

Quando fizeram as contas, marido e mulher descobriram que seria mais barato instalar os pastores alemães em um *flat*. Andaram doidos, tentando achar pouso para os cães. Separar-se, impossível. Conheço uma médica colombiana que vive em São Paulo há anos. Contou-me, felicíssima:

— Foi inaugurada uma estrada que une o Brasil à Colômbia. Se um dia precisar, posso levar meus cachorros de carro até Bogotá.

Possui dois são-bernardos. Assustei-me. Teria coragem de se meter no meio da Floresta Amazônica?

— Por meus cachorros, sou capaz de tudo.

É mesmo. O marido reclamou:

— Se ela tivesse de escolher entre mim e os cães, acho que eu perderia a parada.

A médica sorriu educadamente. Calou-se. Mais uma frase e a conversa terminaria em divórcio.

Duas amigas abrigaram um vira-lata parente de *beagle* em seu apartamento. O malhadinho já roeu todos os móveis, comeu os livros, quase foi eletrocutado pelo fio da televisão. Devasta mais que um ciclone. O síndico exigiu a retirada da criatura. Estão à beira de uma guerra judicial. Ouvi uma delas se lamentando com o chefe:

— Estou quase louca por causa desse cachorro.

— Dê para alguém — opinou o diretor, insensível.

Ela o encarou como se ele fosse um monstro. Quem não ama cães é incapaz de compreender. Cada vez que abre a porta do apartamento, e o safado late e abana o rabinho, ela descobre o que é felicidade. Diante disso, que importam os móveis e os problemas com o condomínio?

23. Serenata de celular

Visito um amigo. Apartamento moderno, de poucos móveis, elegante. No meio da conversa, ouço: "Cuco, cuco, cuco!" Surpreendo-me:

— Você tem um relógio cuco?

— Não, é meu celular! — ele responde, enquanto corre para atender o aparelho.

Retorna, orgulhoso:

— ~~Ouviu~~? Não é o máximo?

Passei parte de minha infância ouvindo um relógio cuco que tocava a cada meia hora! No fim, minha mãe deu um jeito de amarrar o passarinho de madeira lá dentro. Ninguém aguentava mais o tal "cuco, cuco!" Disfarço. Sorrio, torcendo intimamente para que a modá não pegue. Ou passarei a ouvir os grashidos por todo lado!

Cada vez mais gente personaliza o celular. As grandes empresas já estão fornecendo trilhas devidamente autorizadas de *popstars*, como a Madonna. Há uma jovem cujo aparelho, ao chamar, toca *La cumparsita*. Tango! O motivo para tal detalhe romântico: o namorado é argentino. Possui um programa que toca de maneira diferente dependendo de quem chama. Quando soa o celular, ela atende orgulhosa, enquanto as amigas solitárias se roem. Se o casal está em crise, é um sofrimento... para os companheiros de trabalho! Já pensou ouvir os acordes de *La*

cumparsita dez a vinte vezes por dia? Seu chefe anda se lamentando:

— Se ao menos o namorado fosse indiano, ela botava cítara, que é mais calma!

Há pouco tempo, em um jantar, ouvi a marcha nupcial. Uma jovem atendeu feliz da vida:

— É meu marido!

— Que romântico! — comentei.

Uma amiga ao meu lado alfinetou:

— Que nada! Agora que desencalhou, ela não cansa de comemorar!

Reflito:

— Ainda bem que ela está em paz com o ex-marido. Senão, quando ele chamassem, a gente ia ouvir uma sirene! Ou o som de um carro de bombeiro para apagar o incêndio!

Um conhecido com três namoradas anda se saindo bem. Botou uma balada diferente para cada uma. Se está com a primeira e ouve a da segunda, nem atende. Disfarça:

— É a música da minha mãe! Ligo depois!

Haja mãe! Só falta colocar a *Marcha fúnebre* para quando ligar o gerente do banco! É fato: já está se tornando comum saber quem liga por meio de uma música específica.

Se o som do celular inferniza ambientes de trabalho, é horrível quando alguém o esquece ligado em teatros e cinemas. Pior ainda em concertos! Não faz muito tempo, na Sala São Paulo, ouviu-se o tilintar logo nos primeiros acordes de uma obra delicada, raramente executada por

aqui: a *Serenata para tenor, trompa e cordas*, do inglês Benjamin Britten. O maestro John Neschling interrompeu a execução. Com seu ouvido bem treinado, virou-se exatamente na direção do infrator:

— Você sabe como isso atrapalha os músicos?

O espectador — um senhor de meia-idade — assustou-se. Foi desligar e o celular tocou de novo. O público riu. O maestro rosnou. Bateu forte com a batuta na partitura. O jeito foi reiniciar o concerto. Em outra ocasião, no Masp, um conjunto de câmara da Filarmônica de Berlim se apresentava. Subitamente, foi interrompido pela musiquinha de um celular. O violinista não teve dúvidas. Em alguns acordes, reproduziu o som vindo do aparelho. Continuou impávido, enquanto o espectador faltoso tentava se enfiar no chão.

Não sou contra novidades. Pessoalmente, prefiro o meu velho, discreto e tradicional som de chamada. Em locais públicos, deixo no vibrador. A função não é saber que alguém está me chamando? Posso verificar o nome ou o número silenciosamente.

Já imagino o dia em que irei jantar em um restaurante ao som de celulares tocando em conjunto marchinhas carnavalescas, boleros, trilhas românticas, rock pauleira, bossa nova, adágios, tambores, sinos, música caipira... Socorro! O avanço da tecnologia é maravilhoso. Mas às vezes também é de enlouquecer!



24. Por que essa pressa?

Ando surpreso. De uns tempos para cá, as pessoas parecem estar perdendo a noção de fila. Para embarcar no aeroporto, nem se diga! Assim que o voo é chamado, sempre há um grupo de passageiros que se amontoa em frente à entrada. Crianças, idosos e deficientes têm preferência no embarque. Poucos conseguem chegar na frente. Dia desses, no Aeroporto de Congonhas, ajudei uma senhora com duas crianças a evitar que os pimpolhos fossem atropelados pelos outros passageiros. Ela, que tinha preferência, ficou por último! Detalhe: os lugares são marcados previamente. Por que a pressa?

Imagino como sofre o caixa de um bar, tendo de atender várias pessoas que gritam ao mesmo tempo. Em metrô, é um sufoco. O correto seria esperar que saia quem vai desembarcar. Tentei fazer isso no horário de pico. Fui empurrado, levei uma cotovelada na orelha e ainda me xingaram! Uma loucura! Quem quer sair empurra, quem quer entrar empurra mais!

Até entre os elegantes, reina a confusão! Fui a uma festa. Serviram o jantar em um bufê, com comida farta, de dar água na boca. Os mais educadinhos foram se servindo em fila. Dali a pouco entrou uma perua no meio, estendendo as unhas pintadas:

— Deixa eu pegar só uma saladinha!

Pronto! Outro voou para o prato quente, furando todo mundo. A fila parou. Dois ou três aproveitaram a deixa para se servir, espetando quem estava na frente com os garfos.

— Ah, desculpe... É que eu ia pegar aquela batatinha... — avisou um.

— É só um segundo... Já saio — disse outro, erguendo a faca para garantir espaço.

Quando chego a um restaurante e avisam que tem espera, vou embora. Ninguém respeita ordem de chegada. A começar pelos *maîtres*, que dão preferência a clientes fiéis, conhecidos... seja lá quem for. É justo que um cliente tenha suas vantagens. Mas, então, por que não reservar a mesa com antecedência? Nem vou citar nome de restaurante, já que a maioria é assim. Depois de esperar meia hora sempre vejo alguém entrar e acomodar-se imediatamente. Se reclamo, a resposta é sempre a mesma:

— Eles já estavam esperando faz tempo, o senhor se enganou.

Que raiva! Até perco o apetite. E olha que para eu perder o apetite não é fácil, não!

Elevador, então, nem se fala. No Shopping Higienópolis, são demoradíssimos. Outro dia, estava subindo quando parou em um andar. Uma jovem com um carrinho de bebê esperava.

— Está lotado — avisaram.

— É o terceiro que passa, e não consigo entrar — reclamou a moça.

Os passageiros ergueram os queixos, como se não fosse com eles. Alguém supunha que ela fosse descer com o

carrinho em escada rolante? Ela enfiou o carrinho. Todos se apertaram, incomodados, como se o bebê fosse o estorvo. Fiquei no fundo. Quando cheguei ao meu andar, avisei:

— Preciso descer.

Ninguém se mexeu. Fui até a saída. Pisei no pé de uma mocinha, que gritou ofendida. Dei uma cotovelada em um gorducho que estava parado em frente à porta, sem mexer as banhas. Aliviado, botei o pé para fora! Elevadores, aliás, transformaram-se num purgatório. Não é inferno porque um dia a gente sai. Os espaçoso^sos espremem os mais corteses. Nunca falta quem use um perfume fortíssimo, desses de deixar a cabeça tonta. Tudo seria passável se ao menos fosse possível entrar e sair de um elevador cheio sem passar por cenas de pugilato. Mesmo porque, como nos metrôs, quem ~~quer~~ entrar nunca deixa os outros desembarcar!

É impossível que todo mundo tenha sempre tanta pressa. Minha impressão é que, com o estresse da vida moderna, as pessoas andam esquecendo as regras mínimas do bem viver.

25. Descascar o abacaxi

O início de um ano é repleto de boas intenções. Faço planos. Pretendo, por exemplo, me dedicar ao rapel. Não nunca pratiquei. Acho o máximo ficar dependurado numa montanha. Até agora, só encontrei uma escola, que ensina a técnica em viadutos. Tive medo de acabar em cima do capô de um carro, no primeiro escorregão. Um amigo me indicou uma escola em Brotas. Talvez. Sim, já ando fazendo planos a longo prazo e espero ter coragem para me sacudir como um ioiô gigante de cima de uma ponte. Quem experimentou garante que é o máximo!

Olho também para o ano que passou. Um lance me impressionou. Tomei consciência de quanta raiva a gente carrega. Aconteceu no trânsito, é claro! Um amigo dirigia. Um homem fechou seu carro. Meu amigo xingou. Fez questão de ultrapassar, aos gritos.

— Eu podia ter batido!

— Não bateu, é o que importa — ponderei. — Parece que gritar?

— Ele merece. Não devia estar na rua dirigindo.

— Não sabemos o que está acontecendo — insisti.

— Pode ser tímido. Ou estar com um problema. Para querer brigas?

Meu amigo resmungou. Foi como um clarão. “Quantas vezes não fico com raiva à toa?”, pensei. Mil pequenos

fatos me enlouquecem no dia a dia. Semanas atrás, estava em um restaurante que tinha convênio para estacionar com manobrista. Entreguei meu tíquete para pegar o selenho. O garçom o perdeu. Levantei-me. Briguei. Chamei o gerente.

— Eu acompanho o senhor até lá e explico o que houve — propôs ele.

Não aceitei, insistindo:

— É um absurdo!

Fui pegar o carro, furioso. O rapaz que me atendeu só pediu um documento do veículo. Confirmou que era meu. Em dois minutos o assunto estava resolvido. Mas eu... ah, eu não! Sentia um tremendo mal-estar. Fui para casa com raiva. Não havia sabonete na pia. Chamei a empregada:

— Não pode ficar sem!

— Eu só estava lavando o banheiro, depois ia pôr.

Resmunguei e subi. Corri a olhar as camisas. Uma estava malpassada.

— Tome mais cuidado com minhas camisas.

Queria descontar, de qualquer jeito.

A cidade é estressante. O trânsito, a agitação. Vejo a mim, e a boa parte das pessoas, sempre por um fio. Comecei a meditar sobre o tema.

— Por que as pessoas têm tanta raiva, estão sempre prontas a explodir?

Não conheço nenhum sistema para me livrar da vontade de sacudir alguém. Nem vou parar de sentir raiva — muitas vezes é até uma reação saudável. Quero impedir que ela me faça mal, a meus amigos, a quem me cerca. Dia desses um jovem advogado me enviou uma conta que achei

salgada. Tentei brincar com a delicadeza de um elefante:

— Vou mandar uma carta para o Palácio do Planalto, porque você está estourando as metas de inflação — eu disse ao telefone.

— Achou caro? — veio uma voz tímida do outro lado.

— É caso de chamar o Procon.

Silêncio. Em seguida, sério:

— Faz o seguinte. Você me paga quanto quiser.

Parei, surpreso. Só estava querendo um desconto. Ia perder uma amizade.

— Jamais faria isso. Não fique magoado — expliquei.

— Se fui grosseiro, desculpe.

Quase ouvi o suspiro de alívio do outro lado.

— A gente vê no próximo trabalho — ele riu. — Mas agora você tem de pagar um jantar no japonês.

— Pago um par de *sushis*, bem baratinhos! — devolvi.

Rimos um pouco. Impedimos que a raiva tomasse a frente.

É o caso. Talvez seja o esporte, ou meditação, ou tirar humor de situações difíceis. A vida é melhor quando se controla a raiva. Mas e se a situação for espinhosa? Sem a casca, o abacaxi não é doce? Pois é. Neste ano, meu grande plano é aprender a descascar o abacaxi.

26. Certo ou errado?

A língua portuguesa está mudando. Se é um processo bom ou ruim, tenho minhas dúvidas. Mas é fato. Ao longo dos séculos, o português passou por inúmeras modificações. Já tentei ler textos do século XVIII. Impossíveis de compreender. Mal se reconhece o idioma pátrio. Ultimamente, tudo parece mais rápido. Palavras que ontem não existiam estão incorporadas ao vocabulário. Como o verbo deletar^{Vindo} do inglês, tornou-se comum com a popularização dos computadores. Significa apagar, eliminar. Já vi uma mocinha comentar sobre um desafeto:

— Deletei o safado da minha vida!

Quem costuma entrar na internet está familiarizado com as incontáveis abreviações. Criou-se um português codificado. Às vezes é preciso decifrar: “kd vc” quer dizer “cadê você?” ou, mais genericamente, “por que você sumiu?”. “Blz” é “beleza”, uma gíria para expressar concordância. “Rs”, “risos”. “Aki” é o popular “aqui”. E assim por diante. A grafia de palavras com til também tem mudado: “não” é “naum”, por exemplo. Ainda me confundo com certos hieróglifos, como:) para indicar um sorriso. Além de uma série de outros sinais, de cujo significado não tenho a menor ideia! Muitas vezes me sinto um mastodonte atolado enquanto o mundo caminha velozmente.

É bom ou ruim? Continuo a me perguntar! Em alguns casos, é péssimo. Raramente vejo o “há” grafado de maneira correta. Costumam esquecer o “H”. É de doer, pois demonstra a falta de alguns conhecimentos básicos. Em legendas de cinema, já cansei de ver a grafia errada: “*a* muito tempo...” Mesmo em jornais, eventualmente. Talvez seja inevitável: o “H” corre o risco de desaparecer, pela falta de uso. (E de utilidade, convenhamos, pois no início de palavras não tem sentido fonético.)

Ainda usamos expressões surgidas em outras épocas quando a vida era diferente. Outro dia um amigo fofocou:

— Ela deu com os burros n’água!

Embora nas cidades grandes ninguém mais ande de carroça nem corra o risco de atolar com os quadrúpedes. Quando, certa vez, escrevi uma história de época, analisava as expressões dentro do significado histórico para saber se eram adequadas ou não. Um personagem falava:

— Comi à tripa forra!

“Tripa forra” vem da época da escravidão, quando o escravo forro era livre. Significa que se comeu à vontade, livremente. Em outra ocasião, botei um personagem vociiferando:

— Vou te tirar do meu caderninho!

Um pesquisador me alertou:

Na época as pessoas não tinham telefone. Só se passava a botar e tirar pessoas do “caderninho” ao surgir o hábito de anotar nomes e números.

Formas de falar logo ficarão obsoletas. Um ex-dor-de-cotovelo ainda pode reclamar:

— Ih! Ela queimou meu filme!

Algumas máquinas fotográficas ainda têm filmes. Do jeito que as coisas vão, em breve todas serão digitais. Surgirá outro jeito de dizer a mesma coisa.

Aprender a usar a gramática, tempos verbais e a grafia correta é uma maneira de treinar o raciocínio. Quem não sabe falar ou escrever provavelmente não articula bem os pensamentos. Tenho medo de que certas mudanças sejam fruto de escolas péssimas, deficiências de aprendizado ou, simplesmente, preguiça. Mas também é preciso aceitar a evolução!

Portanto, nem tanto ao mar nem tanto à terra! Ei... Acho que essa expressão vem dos tempos em que marinheiros ainda saíam em busca de novos mundos! Na época, era moderníssima! Mais um motivo para apreciar nossas modernidades! Cada época se espelha em um modo de falar, ou a vaca vai para o brejo, ou a gente cai do cavalo, ou entra em um buraco negro. Fascinante é saber que a língua, enfim, é viva!



27. O selvagem

Saía para a balada todas as noites. Pai e mãe descabelados. Dormia até tarde. Apareceu com uma tatuagem no braço. Um desenho que não parecia fazer sentido.

— O que é, meu filho? — gemeu a mãe.

— Tribal.

Logo a mãe descobriu que existem “escolas” de tatuagem: tribais, étnicas, *new age*...

O ~~pai~~ quase teve um infarto. Piorou quando soube que a turminha do prédio estava se reunindo em um apartamento vazio, com três velhos colchões jogados. O porteiro dedou:

— Ficam lá, a noite toda, ouvindo música...

Foram expulsos. A tia comentou:

— Se ao menos ele tivesse uma boa namorada!

Apareceu com uma candidata. Tinha *piercing* nas sobrancelhas. A mãe tentou se conformar.

— Até que é bonitinho!

Ela abriu a boca para agradecer. Também tinha *piercing* na língua!

De noite, a mãe quis aconselhar:

— Meu filho, e se sua língua ficar presa?

O rapaz olhou-a como se fosse marciana.

— Tá me tirando, mãe?

Outra surpresa:

— Ah, meu filho, a traça roeu sua camiseta. Está cheia de furinhos.

— Comprei assim. É lançamento.

Viu a etiqueta da grife italiana. Adquirida em dez prestações no cartão!

— Você pagou tanto por uma camiseta furada!

De noite, na solidão do quarto, o pai se contorcia.

— O que vai ser desse rapaz?

Prestou vestibular. Para surpresa de todos, passou. Faculdade em uma cidade próxima. Dali a alguns meses, anunciou:

— Arrumei trabalho!

Alívio.

— Qual o salário?

— É voluntário. Em uma ONG para proteger os meninos de rua!

O casal fugiu para o cinema. Durante a *pizza*, o pai vociferava:

— Pode se dar ao luxo de ser voluntário porque tem quem o sustente! No meu tempo eu só pensava em comprar um carro novo!

A mãe refletiu. Anos a fio, trocando de carro. De casa. Seria tão bom não ter esse tipo de preocupação!

O marido insistiu. Era o caso de chamar um terapeuta. Marcaram consulta.

— Para quê? Não preciso de terapia!

— Você precisa conversar, tem de tomar rumo na vida

— explicou o pai.

A custo, foi convencido. Não sem alguma chantagem financeira.

O psicólogo o recebeu em uma sala aconchegante, com poltronas.

— Por que veio aqui?

— Meu pai mandou. Eu mesmo não tinha a menor vontade.

Péssimo começo.

— Não costumo receber ninguém porque o pai mandou. Estudei com sua mãe. Estou aqui como amigo. Não considere que é uma consulta.

— Meus pais não me entendem.

— Quem sabe você possa me dizer por quê.

— Eu quero qualidade de vida, sabe? Não passar o tempo todo me matando para ter coisas. Quem sabe mais tarde ~~vou~~ morar numa praia... e trabalhar com alguma coisa de que eu goste. Sei lá, entrei numa ONG...

O terapeuta observou as tatuagens (agora já eram cinco), o brinco ousado, a camiseta torta. Cabelos espetados. Atrás da aparência selvagem, reconheceu seu passado. Em sua época, a juventude também fora assim. Com projetos de vida. Teve uma sensação de alegria, porque afinal... a juventude continuava sendo... a juventude.

— O que você mais quer? — perguntou.

— Dividir a vida com alguém. O mundo anda complicado, tanta doença... Eu queria ter uma relação fixa. Eu só dela, ela só minha!

Sorriu:

— Quem sabe ter um filho, mais tarde.

Despediu-se do terapeuta com um abraço. O profissional ligou.

— Qual o problema do meu filho? — quis saber o pai.

— O problema é nosso, que esquecemos como fomos.
E, parafraseando a música, nos tornamos como nossos pais.

— Ahn?

Quando o pai desligou, sorria. Tudo era muito diferente, mas, no fundo, igual!

Quem disse que os jovens não têm mais sonhos?

28. Abaixo as grifes!

Estive no último fim de semana em Campos do Jordão. O lugar é lindo, o clima maravilhoso. Notei como cresceu o número de lojas de grifes conhecidas. As mesmas de São Paulo, do Rio de Janeiro. Boa parte também de Nova York, Paris... Senti que a cidade está perdendo a identidade. Corre o risco de se transformar em um grande *shopping center*, como ocorre com tantos outros locais.

A culpa certamente não é da cidade. Mas da paixão pelas grifes que assola o planeta. Reconheço: certas roupas possuem cortes capazes de moldar o corpo. Camisas da Armani, por exemplo, diminuem minha barriga, graças ao talhe acinturado. Nunca comprei alguma que mostrasse ostensivamente a grife. Não tenho a menor vocação para *outdoor ambulante*! Outro dia fui a uma convenção. Uma conhecida apareceu com um conjunto de malas *Louis Vuitton*. Calculei: dava para comprar um pequeno apartamento.

Uma amiga costuma dizer, como tantas elegantes:

— O chique é ser simples.

Ah, é? Qual o motivo de expor o que se tem... ou o que não se tem? Soube de uma produtora de moda, toda orgulhosa com sua calça *Diesel*. Mostrou-a a um amigo:

— Tive desconto. Paguei só 1.000 reais!

— Tanto assim? — admirou-se o sujeito, que nada tinha a ver com a vida *fashion*.

— Ah, mas essa calça é tudo!

Dali a alguns dias o rapaz descobriu que ela estava com o aluguel atrasado! Pode? Desfilar com um *jeans* de marca e dar o truque no apartamento?

E a história do *office-boy* que comprou uma camiseta — esta, sim, com o nome da grife em letras garrafais em dez prestações?

Não vejo as pessoas se orgulhando porque acabaram de ler um livro legal. Ou porque assistiram a um concerto. Gostam de se passar por ricas, isso sim! Mas uma camiseta faz um *office-boy* parecer melhor de vida. O fato de ser rico torna alguém melhor ou pior? Desde o Novo Testamento, a questão é bem duvidosa!

Já existem aqueles que competem pelo último lançamento. Vi um amigo comentando:

— Ela está com uma bolsa Prada, mas é da coleção do ano passado...

É coisa de doido!

Tive há alguns meses uma festa importante. Corri atrás de um terno. Entrei em uma loja do *Shopping Iguatemi*. Praticamente todos os convidados do evento estavam lá. As moças quase saíam aos tapas:

— Este aqui é meu, já escolhi!

— Ah, mas ficava melhor em mim!

Cheguei à festa no início da noite todo pimpão, me sentindo o rei da cocada preta. Logo na entrada, encontrei um amigo com um terno igualzinho ao meu! Pior: fomos colocados na mesma mesa! Parecíamos um par de abajures! De grife, mas abajures!

Malhas artesanais, tricotadas a mão, a gente quase não vê. Alfaiates daqueles antigos, de bairro, são cada vez mais raros. Quando envelhecem, não são substituídos, porque a freguesia anda à cata de grifes. Certa vez soube de um sujeito que guardava etiquetas famosas. Ia à rua José Paulino, enchia o armário! Trocava as etiquetas e se exibia! Mais ainda. Todo mundo comentava que suas roupas eram o máximo!

Minha mãe ajudou a equilibrar as despesas da família tricotando lindas malhas de lã quando era viva. Titia costurava camisas, vestidos. Tinha freguesas. Hoje em dia, esses profissionais são cada vez mais raros. Se as pessoas fossem mais originais, não dariam trabalho a tanta gente como minha mãe e minha tia?

Para mim, o mais elegante é nunca mostrar a etiqueta do traje. No mínimo, por discrição. Se a grife tiver qualidade, a elegância do talhe falará por si mesma. O brilho pessoal jamais será substituído por uma etiqueta bem à mostra!

29. A hora de dizer não

As regras de etiqueta mudam mais rapidamente que o tamanho das saias. Minha sólida educação de classe média tornou-se fora de moda. Como enfrentar um fumante? Quando eu era criança, a visita podia ser uma chaminé. Minha mãe abria as janelas desfarçadamente. Seria incapaz de falar um ah! Outro dia fui a uma reuniãozinha. Um rapaz tirou o maço. Quando ia acender o cigarro, a dona da casa sorriu:

— Você pode ir fumar lá fora, por favor?

Ele foi fumar no frio. Voltou tranquilamente, como se a proibição fosse normal. Não consigo agir assim. Um dos meus amigos, nos restaurantes, mal termina de comer, acende o seu. Fuma diretamente sobre meu prato. Acabo comendo bife com tempero de nicotina! Penso: se ele é capaz de soltar fumaça no meu cardápio, ficará ofendidíssimo com um toque.

Em outra área já obtive meus avanços. Aprendi a expulsar as visitas tarde da noite. Tenho amigos que adoro. Capazes, entretanto, de passar a madrugada conversando. No passado, eu bocejava. Parava de servir café ou bebida. Ninguém decifrava meus sinais. Pelo contrário. Em certo momento, alguém dizia:

— Posso pegar uma Coca lá na geladeira?

— Claro — eu respondia aterrorizado.

— Também quero — pedia outro.

Eu ficava fiscalizando os goles. "Quando terminarem, vão embora", imaginava. Coisa nenhuma. Dali a pouco:

— Posso fazer um café? Tem alguma coisa para comer?

A noite se estendia. Agora, digo simplesmente:

— Pessoal, estou morrendo de sono. O papo está ótimo, mas a gente continua outro dia!

Enquanto ainda estão surpresos com minha cara de pau, atiro os casacos em cima de cada um. Abro a porta com um sorriso, avisando:

— Vou aproveitar para soltar os cachorros.

Muito mais difícil é me livrar de alguns telefonemas. Certa amiga tem esse hábito. Fala, fala. Tento desligar:

— A conversa está muito legal, mas eu tenho de...

— Ah, sim! Deixa eu só dizer uma outra coisa...

Lá vai mais meia hora. Já aconteceu de ficar com a mão adormecida de tanto segurar o telefone! Agora tenho um truque infalível. Digo rapidamente:

— Espere um pouco, a outra linha está tocando.

Demoro um instante e volto.

— É um telefonema urgente do meu trabalho. Ligo para você depois.

Bem, digamos que "depois" é um termo abrangente. Dali a um minuto ou vários meses!

Boas maneiras deveriam ser o resultado do comportamento de duas pessoas. Nem sempre é assim. Uma tenta agir da melhor maneira. A outra se aproveita da gentileza alheia. O bicho pega na questão das confidências. Faz pouco tempo, uma amiga ligou.

— Minha vida está um caos!

Por aí foi. Não perguntou de mim. Se tinha tempo ou disposição para ouvir as lamúrias. Lamentavelmente, eu estava com uma vontade terrível de fazer xixi. Fiquei me contorcendo enquanto ela me dava detalhes da briga com o namorado, a tensão com o filho que não aceita o novo amor, os problemas financeiros. Aconselhei, já desesperado:

— Você tem de superar!

Mais lamentações. Eu tentava uma brecha, pedir um minuto. Impossível. De repente, rugi:

— Olha, quer saber? Você confunde amigo com lixo. Por que acha que tem o direito de me ligar todas as semanas para me atirar seus problemas?

Silêncio sepulcral. Eu podia ouvir sua respiração ansiosa. Depois, num fio de voz:

— Desculpe.

— Quando tiver uma coisa boa para me contar, migue — concluí.

Desliguei. Aliviado. Fosse o xixi ou uma ficha que caiu descobriria uma nova regra do bem viver. Amigo pode tudo. Desde que também saiba compartilhar a felicidade.

30. Plateia de acidente

Estou na rodovia Raposo Tavares, em direção à Granja Viana. O trânsito inteiramente parado. Demoro horas para andar alguns metros. Imagino:

— Deve ser conserto na estrada.

Coisa nenhuma. Quando finalmente chego ao nó, encontro uma ambulância e dois carros parados no acostamento. Um policial de trânsito agita os braços, para as pessoas recuperarem a velocidade. Inútil. Todo mundo dá uma paradinha. Observa. Fico pensando: por que essa compulsão em olhar acidentes? Já seria tétrico ver, como já me aconteceu, alguém caído no asfalto. O que se ganharia testemunhando essa cena outra vez, a não ser tristeza pela tragédia alheia? Entretanto, muitas vezes o trânsito para porque as pessoas querem ver alguma coisa, qualquer que seja. Até a ambulância fechada.

Frequentemente, na avenida 23 de Maio, tudo congestionia. Se estou indo para o aeroporto, de táxi, o motorista comenta com ar sábio:

— Aconteceu alguma coisa.

— Éééé... respondo.

Continuamos a passo de tartaruga. Lá pelas tantas, avistamos dois carros parados na pista. Uma leve batida. Suficiente para todos os outros espicharem o pescoço.

— Bateu atrás — diz o motorista.

— Éééé... — repito.

Para mim é um mistério. Qual o prazer de olhar dois carros parados, que supostamente deram uma leve batidinha nos para-choques?

Até pneu furado tem plateia. Basta alguém parar no acostamento e iniciar a troca. Surge o engarrafamento. Se estou acompanhado, ouço o comentário, inevitável:

— Que lugar para furar um pneu, hein?

— Eéééé...

Certa vez, eu estava fazendo uma viagem de van pelo interior de São Paulo. Uma longa fila se formou. Havia um caminhão virado, caído na descida ao lado da estrada. Os condutores agiam como se estivessem diante de um *show*. Estacionavam, atrapalhando o socorro. A polícia rodoviária mandava todos seguirem. Poucos obedeciam. O motorista da van conseguiu perguntar:

— O que houve?

— O caminhão virou — respondeu o policial. — Mas não aconteceu nada com o caminhoneiro.

Suspiramos aliviados. A van deu uma guinada para o acostamento.

— Que vai fazer? — perguntei.

— Parar.

— Não vai, não. Continue.

De mau humor, ele engrenou a marcha e acelerou. Encarou-me, como se eu fosse o maior dos estraga-prázeres.

Agora, se é coisa séria, alguém para? Quem já passou pela experiência de o motor falhar, ou algo assim, sabe o que estou dizendo. Fica-se encalhado na pista, enquanto

todos os outros motoristas cortam, aceleram, xingam, sem tentar ajudar. O problema do veículo pode ser pequeno. Levá-lo até o acostamento para pedir socorro é quase impossível.

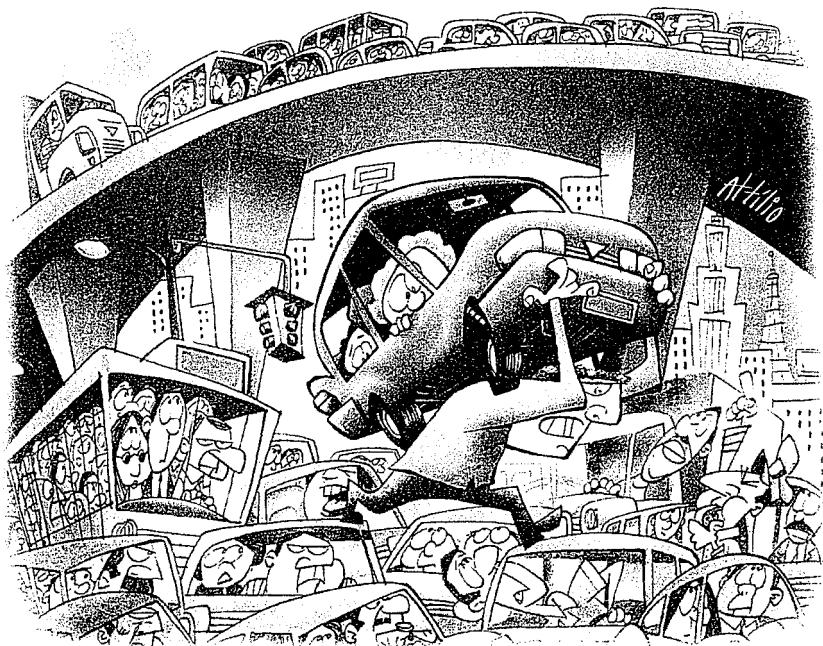
Na mesma Raposo Tavares, tempos atrás, encontrei um carro parado na faixa do meio. Dentro, havia um homem caído sobre o volante. Quem via acelerava. Até hoje não sei qual foi o problema do sujeito. Suponho ter corrido mais risco de morte com a pressa dos outros motoristas do que com o desmaio propriamente dito. Era impossível parar. Lembrei-me de um posto rodoviário, logo adiante. Acelerei até lá. Desci e comuniquei o fato aos policiais. Mandaram uma viatura tratar do socorro. Gentilmente, me agradeceram. Perguntei, curioso:

→ Alguém já dera o alarme?

— Não, ninguém.

Ou seja: centenas de carros haviam passado pelo homem caído. Nenhum se dera ao trabalho de avisar a polícia rodoviária. Mesmo havendo um posto pouco menos de 1 quilômetro depois!

Fico pensando. Ser curioso é uma qualidade do ser humano. Mas, sem querer criar uma rima, e talvez apontando uma solução, quem sabe a mera cùriosidade pudesse ser substituída por uma forte solidariedade.



31. Fúria no trânsito

Existe uma forma simples de avaliar o grau de evolução do ser humano. Basta observar dois sujeitos após uma batida. Saem dos veículos arrebentando as portas. Olhares ferozes. Torsos inclinados para a frente. Mão crispadas. Batem boca. Bastaria mudar o cenário, trocar os ternos por peles e entregar um porrete para cada um. Estariam de volta à pré-história. Poucas atividades humanas despertam tanto o espírito selvagem como a guerra no trânsito.

Tenho um amigo de fala mansa, calmo e sensato. Outro dia estávamos no carro. Chuviscava. O suficiente para que os carros entrassem numa luta desenfreada no asfalto. Crotadas súbitas. Buzinas. Ele passou a costurar por todos os lados. Fomos ao Morumbi *Shopping*. Havia uma fila, para o estacionamento *vip* (quem almoça em alguns restaurantes de lá tem direito a manobrista gratuito).

— Um idiota está parado lá na frente — ele anunciou.

— Por que idiota? Você não sabe o motivo... — comecei a dizer.

Não pude terminar a frase. Agarrei-me ao banco. Ele atirou o carro para a direita. O da frente fez o mesmo. Para não bater, meu amigo jogou o seu sobre o canteiro. Veio a pancada. O pneu arrebentou. O veículo parado mexeu-se, vagarosamente, e partiu. Meu amigo esbravejou. Tro-

cou o pneu. Depois foi a uma borracharia, onde acabou brigando também. Passou o resto do dia num humor de cão. Telefonou:

— Tudo por culpa daquele imbecil!

Argumentei:

— Você não sabia o motivo de o carro estar parado. A pessoa podia estar se sentindo mal. Pense. Por causa de alguém que não conhece, você quase amassou o carro, arrebentou seu pneu e está furioso. Como permite que um desconhecido faça tudo isso com você?

Silêncio sepulcral. Depois, ouvi um clique do telefone sendo desligado.

Costumo dirigir devagar. Quando vou para o Litoral Norte é uma tortura. A estrada só tem uma pista, com muitos locais de ultrapassagem proibida. Tento me manter na velocidade exigida pelas placas. Adianta? Alguém sempre gruda em mim. Volta e meia, quando ultrapassam, ouço me xingarem.

Nestes tempos politicamente corretos, já não se ouvem tantos gritos do tipo:

— Ô dona Maria, vá pilotar fogão!

Entretanto, existe, sim, um preconceito contra mulher ao volante. Confesso que também já tive. Hoje, às vezes passo por uma senhora dirigindo em paz. Alguém do meu lado reclama:

— Olha lá, empatando o trânsito. Só podia ser mulher.

Lembro que as seguradoras costumam cobrar menos de motoristas do sexo feminino. Causam menos acidentes. Há algum tempo uma amiga bateu em uma moto. Teve de se trancar no carro enquanto um bando de motoqueiros

solidários com o acidentado chutava seu carro. Foi resgatada pelo socorro. Detalhe: o culpado era o motoqueiro. Ninguém se machucou. Ela voltou para casa apavorada.

Soube de um rapaz que certa vez foi fechado numa grande avenida. Gritou:

— Safado, você vai ver!

Seguiu atrás, buzinando. O outro tentava fugir, ele perseguia. Deu uma superfechada, obrigando o carro a parar. Saiu furioso, pronto para a briga. Aproximou-se. No banco do motorista estava uma senhora idosa, tremendo de medo. Ele caiu em si.

— Parecia que eu estava em um filme, me assistindo.

Gaguejou. Pediu desculpa. Partiu.

No dia seguinte, vendeu o carro.

— Não confio em mim mesmo ao volante. Eu me torno outra pessoa. Prefiro não dirigir.

Claro que não é uma receita para todo mundo. Para ele, funcionou. Anda de ônibus, táxi ou metrô. Sente-se feliz. Como se tivesse abandonado a pré-história e, finalmente, ingressado na civilização.

32. Comunhão

Quantos pequenos gestos ficaram gravados na minha vida! Há muito tempo fui a uma festa à fantasia. Uma senhora italiana portava uma coroa de ramos de arruda. Simpaticamente me deu um pedacinho. Pus atrás da orelha. Saí para a rua com uma sensação de felicidade. O gesto preencheria meu espírito. Nunca mais a vi. Anos depois ela lançou um livro de culinária. Entre outras lembranças, falava da festa e dos ramos de arruda. Recordei seu astral, sua gentileza. Soube que já faleceu. Ficou um sentimento de carinho por alguém que, realmente, nunca conheci. Da mesma forma, nunca vou esquecer o sorriso de uma boliviana no mercado de La Paz. Eu era jovem, muito jovem. Viajava como mochileiro. Perguntei o preço de uma maçã. Ela disse e eu me afastei. A fruta era cara para meus parcós recursos. A velha me chamou de volta. Mandou pegar uma.

— Não tenho dinheiro — respondi.

Ela me ofereceu, brincalhona:

— Tonto! Toma, tonto!

Seu rosto largo e moreno de índia ficou impresso na minha memória. Às vezes, quando estou magoado, eu me lembro daquela maçã. Sinto a esperança renovada. Outra vez, eu viajava com uma amiga na região do Rio São Francisco. Estavam construindo uma barragem, que ia cobrir

uma cidadezinha. Nem me lembro do nome. Pegamos um ônibus e fomos à festa de despedida do local. Havia música, gente chorando, mudanças de última hora. E um casal de noivos. Saíram da igreja e fomos atrás. Entramos em uma sala, somente com algumas cadeiras ao longo da parede. O casal sentado e tristíssimo. Parecia velório. Nem um biscoito, nem bolo. Éramos penetras, mas especiais, por sermos paulistas e estarmos participando do último dia do lugar. O noivo pegou a garrafa de uma bebida doce e popular, com dois copos, e nos ofereceu. Brindamos. Nós nos despedimos, desejando felicidades. Recordo com precisão dos noivos acanhados, do drinque. Às vezes penso naquelas casas, hoje debaixo das águas, com peixes passeando entre as paredes. E nos dois. Terão filhos? Vivem por lá, ainda?

Também existe a contrapartida. Encontrei um amigo de meu primo, conhecido da adolescência. Cumprimentou-me com alegria. Eu não lembrava, mas naquela época fôramos acampar. Ele me viu lendo *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. Espantou-se.

— Como tem paciência para um livro tão grande?

Garanto que respondi:

— Imagine quantos sonhos, quantas coisas o autor teve de viver para colocar nestas páginas.

Desde então se interessou pelos livros. A conversa, da qual nem sequer me lembrava, marcou sua vida.

Uma vez assisti, no Teatro Sérgio Cardoso, a uma apresentação de um balé folclórico de algum distante país oriental, ainda comunista. Na saída, os artistas tentavam comprar pipoca. Não tinham a quantia suficiente. Senti

vontade de oferecê-la, mas não me movi. Foram embora decepcionados. Em certos momentos, eu me pergunto:

— Por que não tive aquela pequena atitude de generosidade?

Existem amizades, relações que duram a vida toda. Fazem parte da minha história, com altos e baixos, começos e fins. Mas todos os dias cruzo com pessoas que provavelmente nunca mais verei. São cenas que giram na mente, como um caleidoscópio. Com o poder de despertar emoções. Aprendi a dar importância ao sorriso para a caixa do supermercado. À conversa, mesmo banal, com um desconhecido na sala de espera do aeroporto. A qualquer momento, eu posso ouvir uma palavra significativa. Ou fazer um gesto que vai contar para alguém. Em todos os encontros, sempre pode existir uma surpreendente comunhão.

33. Parafernália eletrônica

Minha bolsa de viagem tornou-se um símbolo do que é a vida hoje em dia. Vou com frequência para o Rio de Janeiro, onde deixo algumas roupas. Levava apenas um bom livro, agenda, caneta, óculos escuros. Virou uma loucura. Antes de sair é preciso fazer uma listinha. O interior da bolsa tornou-se um amontoado de fios embaralhados. É espantosa a capacidade de os fios se misturarem! Começa pelo celular. Fundamental na vida moderna. Esquecer o carregador é uma tragédia. Antes, as pessoas se contentavam com a informação de que eu estava fora da cidade. Agora, querem falar no mesmo dia, na mesma hora. Se é assunto profissional, pior! O próprio celular exige cautela. Não se usa nos aeroportos, por risco de clonação. Tem de ser desligado nos aviões. Outro dia, na decolagem, uma senhora lembrou-se do seu, ligado, em uma valise enfiada no bagageiro. Vários passageiros se levantaram para ajudar. Meu casaco voou para longe. Um pacote caiu na cabeça de um cavalheiro. Até que ela desligou!

Uso agenda eletrônica. Tem de ser carregada na porta USB do computador. Não faz muito, nem sabia da existência da tal porta. Que erro! Sem a tal USB, um ser humano está exilado da vida eletrônica! Quando acaba a bateria, tenho de ligar a agenda, ou fico sem os telefones de que preciso! Isso se não esqueci o... carregador da agenda, conectável à

USB! Que estará mergulhado em um mar de fios no fundo da bolsa! Um amigo mais velho ironizou. Mostrou-me uma pequena agenda de papel e disse:

— Esta é a mais nova invenção. Você escreve a lápis, pode apagar... e não precisa botar na tomada!

Descobri há pouco as maravilhas do *iPod*. Sim, eu tenho um! Uma delícia. Enfiei uma porção de músicas incríveis, separadas em listas: jazz, clássica, MPB. Boto os fones no ouvido e esqueço do mundo! O carregador deve, é claro, ser conectado na tal porta USB. Mas não basta. O programa atualiza automaticamente o conteúdo. Assim, devo transportar o programa *iTunes* para cima e para baixo. Coisa fácil, pois surgiu um tal de *minidrive*. Do tamanho aproximado de um chaveiro, arquiva todos os documentos escritos do meu computador: novelas originais de livros, programas... Basta conectá-lo na... porta USB! Inevitável enfiá-lo na bolsa. Também, é claro, um benjamim para as tais USB!

Visitei um amigo escritor. Mostrou-me, orgulhoso, seu *notebook*.

Não tenho mais a máquina de mesa. Usar esse aquivo equivaleu a trocar a máquina de escrever pelo meu primeiro computador. Escrevo em cafés, hotéis, até no avião!

Avisou-me:

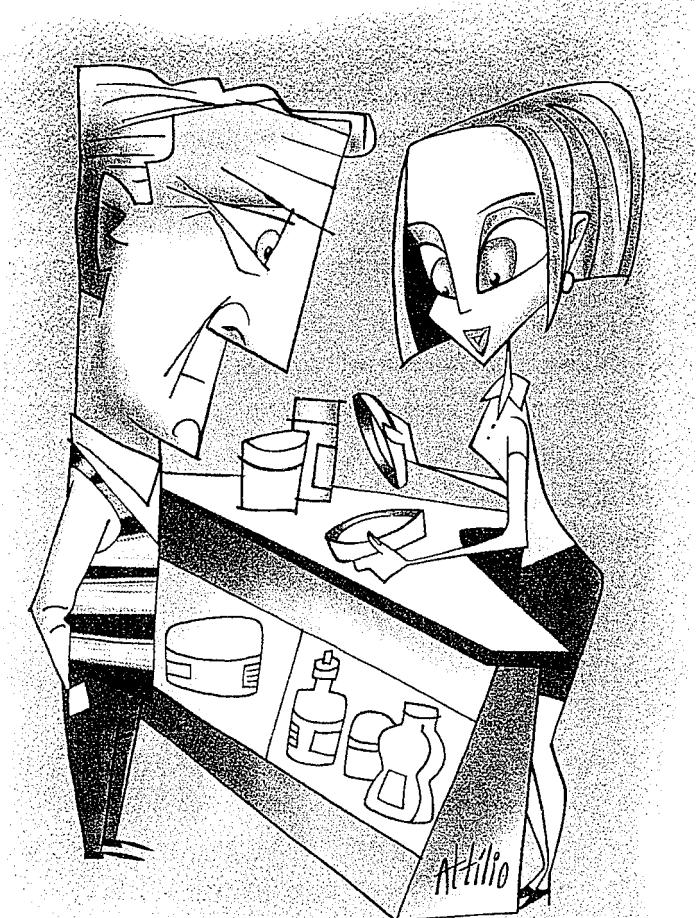
— Tenha cuidado com o seu!

De fato, roubam. Muitos motoristas de táxi do Aeroporto de Congonhas já me contaram. Certos ladrões ficam de olho em quem desce com *notebook*. Avisam os comparsas que seguem o táxi. Assaltam no sinal, lá adiante. Portanto, jamais usar algumas daquelas confortáveis maletas especiais

para *notebooks*! O segredo é transportá-los discretamente. Da última vez, botei o meu no fundo de uma sacola de compras. Empilhei roupa suja em cima! Imagino a bela figura que fiz no aeroporto, com as cuecas pulando para fora da sacola!

É dramático! Surge um aparelho eletrônico atrás do outro! Logo se torna essencial para a minha sobrevivência, e de boa parte dos profissionais! Outro dia, tentando achar a passagem (eletrônica, mas eu havia imprimido o código) no meio da confusão, suspirei:

— Afinal, tudo isso não foi criado para facilitar a vida da gente?



34. Sinais do tempo

De uns tempos para cá, a vaidade masculina atingiu o auge. Amigos que nem se preocupavam em pentear o cabelo hoje possuem uma infinidade de apetrechos de beleza. Hidratantes, adstringentes, cremes de todos os tipos. Dia desses, acordei, olhei no espelho e concluí:

— Estou virando um dinossauro!

Voei para uma grande loja de cosméticos.

— Quero cremes para tratar a pele — expliquei.

O rapaz me conduziu até uma enorme prateleira.

— Temos este aqui para prevenir rugas, este para quem está começando a ter e este para rugas já instaladas.

Sorri, esperançoso.

— Qual você acha que devo usar?

Mais sorridente ainda, ele ergueu um pote.

— Este, para rugas já instaladas.

— Oh! Tenho tantas rugas assim?

Arreganhou os dentes, penalizado diante da minha inocência:

— Bem... não... Mas é melhor levar este mesmo.

Depositou o superantirugas total na minha mão. Rangi os dentes e paguei.

Entrei em outra loja. A mocinha simpática me atendeu:

— O senhor precisa de ajuda?

— Ora... não me chame de senhor, que eu me sinto mais velho! — disse cordialmente.

— Sim, senhor!

Ahhh! O problema não é só comigo. Quem é jovem faz questão de frisar a idade alheia. E quem envelhece morre de medo de que percebam! Há poucas semanas fui a uma festa de aniversário. Drinques, salgadinhos, jantar. A certa altura perguntei a uma prima da aniversariante:

— Quantos anos ela está fazendo?

— É segredo!

Que mundo é este, em que nem em festa de aniversário se pode perguntar a idade? Muitos aniversariantes armam um truque. Em vez de colocarem velas com números no bolo, botam uma só, em estilo displicente. Como se não se importassem com a tradição. Uma ova! Querem disfarçar! Uma vez a aniversariante ficou ofendida quando a cumprimentei alegremente:

— Parabéns! Quantos aninhos?

— Isso é pergunta que se faça? — retrucou.

As pessoas agem como se fosse feio envelhecer. Recebi a carta de uma leitora. Tem 78 anos. Ainda com muita alegria de viver. Recentemente, um senhor de 50 aproximou-se dela. Ficaram amigos. Aos poucos, surgiu a possibilidade de um romance. Até que alguém não resistiu:

— Ela é sua mãe?

O sujeito ficou vermelho. Desapareceu. Ela, uma fúria.

— Não podia ter perguntado se eu era uma parente, uma amiga?

É uma velha questão. A maioria age como se uma pessoa de idade não pudesse se apaixonar. Ser, no mínimo, jovial!

Qual o prazer de espetar o dedo para a idade dos outros? Tenho pouco mais de 50 anos. Gosto de *jeans*, camiseta. Roupa confortável. Não faz muito, um amigo advogado observou:

— Você não usa roupa adequada à sua idade.

O que devia usar? Terno? Só sapatos, nunca tênis? Botar um lençol na cabeça e fingir que sou fantasma? Algumas semanas atrás, ouvi um par de amigas comentar, ao ver uma senhora madura de roupa colorida:

— Aquilo não combina com a idade dela — Ridícula!

— Qual o problema? — perguntei.

— Olhe só as pernas, magérrimas.

— E daí, se ela está se sentindo bem?

Recebi olhares de desgosto.

— Você não entende!

É verdade: não entendo, de jeito nenhum. O tempo deixa sinais. É inegável. Claro que pretendo ficar com o rosto legal, ter certa agilidade. Nada contra cremes, plásticas, exercícios! Mas também sinto orgulho pelos anos que passaram, pelas emoções vividas, pelas conquistas. Garanto: ainda tenho sonhos. E, quanto mais passa o tempo, mais meus sonhos se renovam. Parece que as pessoas têm vergonha de envelhecer! A juventude é bela, mas os anos também trazem sua magia. Fico espantado. Por que tanta gente adora fiscalizar a idade alheia?

35. A idade das palavras

Já cansei de ver gente madura falando gíria para parecer jovem. O trágico é que, em geral, a gíria é velha! Verbos, adjetivos e substantivos possuem maior permanência. Gíria é volátil. Terrível ver uma senhora madura e plastificada dizendo:

— Eu sou “prafrentex”!

O termo foi usado lá pela década de 60 para dizer que alguém aceitava comportamentos mais ousados, tipo viajar no fim de semana para a praia com um grupo de amigos, o máximo de liberdade imaginável até então. É passado. Assim como as variações para falar de homem bonito. Houve época em que era “pão”; lá pelos anos 80 virou “lasanha”. Agora se usa gato, se não estou atrasado. Volta e meia noto uma cinquentona exclamar à passagem de algum atleta:

— Ai, que pão!

Esse é o mal das gírias. Marcam a juventude de cada um. O tempo passa. Fica difícil mudar o modo de falar. Às vezes ainda ouço um “é uma brasa, mora”, usado por Roberto Carlos nos tempos do programa *Jovem Guarda*, início dos 60. Lembro do sucesso de “boko moko”, criado por uma marca de refrigerante para identificar quem era cafona e não tomava a tal bebida. Caiu na boca do povo. Cafona vale? Ou devo dizer “out”, como na década de 90?

As palavras expressam sua época. Certa vez estava escrevendo uma novela passada nos anos 20 e coloquei a expressão “vou tirar você do meu caderninho”. Meu pesquisador me orientou:

— Naquele tempo poucas pessoas tinham telefone em casa. Não se falava assim.

O tal “caderninho” correspondia à agenda telefônica. Só passou a ser comum quando o aparelho se tornou mais popular.

Para escrever outra novela de época, passada no século XVIII, eu recorria ao raciocínio puro e simples para definir o modo de falar. Descobri que “comer à tripa forra” tinha a ver com o período da escravidão. O negro liberto era “forro”. Deduzi que significava comer à vontade.

Outro dia, vendo uma reportagem de televisão, observei uma família simples com o telefone de teclas. Todo mundo tem. Até algum tempo atrás se discava o telefone. Hoje se tecla um número.

Reconheço. Tenho saudade de certos termos. Lembro de meu irmão mais velho dizendo “que carro joia!”. E “olha o broto!”. Ou dos amigos nos anos 70, quando fiz faculdade. Frequentemente ouvia “tou numas com ela”, equivalente, guardadas algumas proporções, ao “ficar” de hoje em dia.

Que adolescente aceitaria hoje ir a um “mingau dançante”? Vão para a balada, para a “night”. Aliás, a maioria foge de mingau e de qualquer delícia que engorde!

Muita gente odeia gíria. Alguns a consideram um dialeto capaz de estrelar a língua. Esquecem-se de que, no seu tempo, também a usavam. Não é fácil acompanhar sua evolução. Outro dia ouvi:

— Eu deletei aquele sujeito da minha vida.

É a versão mais atual para “tirei do meu caderninho”. No computador, deletar é eliminar. Apagar. Também se fala tranquilamente:

— Eu estava casado, mas não estou mais.

Não tem nada a ver com casamento formal, necessariamente. Significa que o rapaz em questão viveu um relacionamento forte. Possivelmente, nem moravam sob o mesmo teto.

Eu me confundo: não sei se ainda se fala “hype” para indicar algo que no passado foi “in”. Ou que alguém é “fashion”, para dizer que está “nos trinques”, como nos anos 80. Falar com um jeito antigo é pior do que botar calça boca-de-sino, ícone dos anos 60.

Não há corte de cabelo, botox ou plástica que resista. Gíria velha denuncia a idade mais do que um festival de rugas!

36. Crueldades de rotina

Nos últimos tempos, tomei certa implicância pela história do politicamente correto. Para mim se tornou uma espécie de censura. Não se pode falar disso ou fazer aquilo. Como escritor, me sinto tolhido. Dia desses, porém, recebi um *e-mail* de um leitor que mexeu comigo. Dizia quanto se surpreendeu ao constatar que sou consumidor de fígado de ganso, em forma de patê ou de outras iguarias. Lembrava como sofrem as aves para ganhar um fígado gordo e saboroso. Minha primeira reação foi:

— Puxa, não posso nem comer em paz?

Depois, parei para pensar. Fui conversar com um amigo, Franco. Ele me explicou:

— Os gansos são engordados à força para ficar com o fígado enorme. A ração é despejada em sua boca por uma espécie de funil.

Arrepiei-me. Ele continuou:

— Muitos criadores pregam as patas dos gansos no chão, para que não se movam e engordem mais ainda!

Não era uma informação recheada de detalhes técnicos. Lembrei-me de um francês cuja mulher, brasileira, ameaçou separar-se quando ele começou a produzir patê de foie, num sítio próximo à Fernão Dias. Não suportava a crueldade. Também fiquei sabendo que nos Estados

Unidos já se programa a proibição da venda. Resolvi: não como mais!

Fiquei pensando: quantas coisas consumo sem me deter na origem? Muitas vezes dou palestras em escolas sobre um livro para jovens, de minha autoria, que fala sobre drogas. Uma das questões que coloco é a responsabilidade social:

— Quem usa uma droga, mesmo a considerada leve, tem a obrigação de lembrar que, para ela chegar às suas mãos, passou por uma cadeia de ilegalidades, roubos, violências, talvez mortes. Assim, o usuário é também um cúmplice.

Isso não vale também para outros aspectos da vida? Jamais gostei de casaco de pele. São lindos, é verdade. E... os bichos? Caçados, criados em gaiolas...

Durante as últimas décadas fomos nos distanciando da origem do que comemos. Certa vez levei um garoto a um sítio e lhe mostrei um frango. Ele espantou-se: só conhecia os de supermercado. Ninguém mais vê galinhas, vacas, porcos, a não ser em filmes ou eventuais viagens ao campo. Um grupo, entretanto, já começa a se preocupar em saber como o alimento é produzido. Quem já comeu sabe: um frango caipira, criado ao ar livre, tem sabor muito melhor que os de granja, aprisionados. Alguns são alimentados de maneira tão artificial que a carne tem uma textura estranha. Lembra papelão.

E as espécies ameaçadas? Certa vez estava em um jantar elegantíssimo em Manaus. Serviram tartaruga. Uma antiga Miss Brasil, Adalgisa Colombo, estava sentada ao meu lado. Cruzou os talheres e avisou:

— Não como.

Uma outra convidada sorriu:

— Que exagero! Esta aqui já está morta mesmo!

Encheu o prato. Eu já estava me servindo. Tomei consciência. Parei. Afinal, não vivo falando contra a extinção das espécies? Portanto, seria indecente compartilhar o menu.

Não sou e nunca serei um sujeito que vai às raias da loucura com a história do politicamente correto. A vida é uma longa cadeia de espécies que se devoram entre si. Mas existem maneiras de criar animais sem crueldade. Também existe muita comida boa neste mundo. Por mais que eu viva, não experimentarei tudo o que o pecado da gula proporciona. Há coisas em que acredito. Não posso agir como se minhas ideias não tivessem nada a ver com a realidade. Não quero ser cúmplice do sofrimento de um animal. A dor, de alguma forma, ficará impregnada na refeição. Acredito que os seres trocam energias entre si. Sinceramente, não quero esse tipo de energia dentro de mim. De agora em diante, bani a crueldade do meu cardápio. . .

AUTOR E OBRA



Amo escrever. Fiquei muito feliz quando, há muito anos, recebi o convite da revista *Veja São Paulo* para publicar crônicas quinzenais. É bom falar sobre o dia a dia, sobre os fatos da vida. Muitas delas foram agora reunidas neste livro. Gosto de transitar por vários gêneros. Livros que já escrevi frequentam as salas de aula: por exemplo, "Estrelas Tortas", "Irmão Negro" e "O Menino Narigudo". Alguns deles, como "Em Busca de Um Sonho" e "A Palavra Não Dita" mereceram a menção de "Altamente Recomendável" da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Também me dediquei a traduções e adaptações. Já ganhei o Prêmio Shell de Teatro com a peça "Êxtase". Recentemente, fui eleito para a Academia Paulista de Letras, onde ocupo a cadeira 14. Também sou autor de novelas de televisão de sucesso em todo o mundo, como "Chocolate com Pimenta" e "Alma Gêmea". As crônicas, que me acompanham há tanto tempo, refletem minhas experiências de vida, minhas tristezas e alegrias. E tenho certeza de que muitos leitores já passaram, estão passando ou vão passar por experiências muito semelhantes!

Walcyr Carrasco

Dramaturgo e roteirista de televisão, Walcyr Carrasco nasceu em Bernardino de Campos (SP), em 1951. Depois de cursar

jornalismo na USP, trabalhou em redações de jornal, exercendo funções que vão desde escrever textos para coluna social até reportagem esportiva. Autor das peças de teatro *O terceiro beijo*, *Uma cama entre nós*, *Batom e Extase*, escreveu os livros infanto-juvenis *Irmão negro*, *O garoto da novela*, *A corrente da vida*, *O menino narigudo*, *Estrelas tortas*, *O anjo linguarudo*, *Mordidas que podem ser beijos*, *Em busca de um sonho* e *A palavra não dita* (todos pela Moderna) e também minisséries e novelas de sucesso, como *O Cravo e a Rosa*, *Chocolate com pimenta*, *Alma gêmea*, *Sete pecados e Caras e Bocas*.

É membro da Academia Paulista de Letras, onde recebeu o título de Imortal.

